255.53
Ar693q

José d'Arriaga

A Questão Religiosa

PORTO
Livraria de Alfredo Barbosa de Pinho Lousada — Editora
48, Largo dos Loyos, 50

Todos os direitos reservados

UNIVERSITY OF
ILLINOIS LIBRARY
AT URBANA-CHAMPAIGN
STACKS

CARDIN
1-48

A QUESTÃO RELIGIOSA

JOSÉ D'ARRIAGA

A Questão Religiosa

PORTO
Livraria de Alfredo Barbosa de Pinho Lousada — Editora
48, Largo dos Loyos, 50

Todos os direitos reservados

A propriedade d'esta obra, nos Estados-Unidos do Brazil, pertence ao sr. José Leite Bragança, da Capital Federal.

Porto: Imprensa Nacional—Rua da Picaria, 35

255.53
Ar693q

Prefacio

Com este opusculo completamos a série de artigos publicados no jornal *O Norte*. A alguns damos mais amplitude por o assumpto assim o exigir, e não estarmos agora sujeito ás exigencias do periodico.

Esta publicação não tem em vista offender as crenças catholicas, as quaes respeitamos, como ninguem. Nosso unico pensamento é defender a sociedade actual dos perigos que a ameaçam com a reacção religiosa, que por toda a parte se levanta ousada e temivel.

Apesar de haver passado mais de um seculo depois da Revolução franceza, mais uma vez se pretende destruir importantes liberdades, conquistadas com muito sangue. Contra ellas conspiram activamente todos os agentes do passado, agora unidos aos que concorreram para que ellas se implantassem na Europa e em Portugal.

N'essa tarefa encontram-se empenhados quer absolutistas, quer homens que se dizem liberaes, ou constitucionaes.

Uns e outros levantam activa cruzada contra a liberdade de pensamento e de consciencia, a mais santa e sublime das liberdades proclamadas em 1789.

Combatendo a reacção religiosa, não queremos attentar contra as crenças dos que a promovem e sustentam, mas trazer a paz e harmonia a todas as seitas por meio da tolerancia, que constitue a base fundamental das sociedades contemporaneas.

Não é este opusculo um grito de guerra, como o são as obras publicadas pelas associações catholicas: é mais um brado a favor da tranquillidade dos povos, tão perturbada n'estes ultimos tempos pela reacção religiosa, que acaba de manter a França em viva inquietação e desordem.

Assentando este nosso trabalho no principio de tolerancia, não póde deixar de respeitar as crenças dos catholicos, e de defender o livre exercicio do seu culto. Mas por isso mesmo queremos igual respeito para as mais religiões, e para todas as ideias e opiniões.

A campanha das associações catholicas consiste em guerrear nos paizes catholicos todas as religiões estranhas, oppondo-se ao livre exercicio dos seus cultos, e pedindo aos governos medidas de rigor contra ellas. Pretende manter em nossos dias os antigos fóros e privilegios da igreja catholica, os quaes foram origem do antigo regimen absoluto, e da intolerancia

religiosa, que produziu os autos de fé, os carceres da Inquisição, os Indices e cruzadas expurgatorias, etc.

A mesma reacção religiosa prega o exterminio dos que não pensam com a igreja catholica, dos que não acceitam seus dogmas e preceitos, dos livres pensadores, e de todos os que sahiram do gremio catholico.

Em Portugal, Hespanha e França montaram um activo serviço de espionagem e de denuncias contra os seus adversarios, como nos tempos da Inquisição, no qual representa principal papel o sexo feminino. Organisaram infinitas associações e instituições com o fim de guerrear sem quartel e de anniquilar todos os que podem servir de obstaculo a seus fins liberticidas. Apoderaram-se dos estabelecimentos pios e hospitaes, para negarem soccorros aos que não cumprem com os preceitos da igreja, ou não são catholicos.

Finalmente, a reacção religiosa, dispondo de poderosas influencias, e com auxilio dos proprios governos, conseguiu implantar em nossos proprios dias, e em Portugal, Hespanha e França, uma perseguição contra os não catholicos e livres pensadores, tão activa e energica, como nos tempos do absolutismo.

A intolerancia religiosa aggrava-se de dia para dia na peninsula Iberica, em que os livres pensadores não cessam de ser perseguidos e vexados por influencia das associações catholicas, e em que se fazem tentativas para opprimir os protestantes e judeus.

A reacção religiosa trabalha com afinco para fazer retrogradar os paizes catholicos aos velhos e calamitosos tempos das fogueiras e autos de fé.

As associações catholicas, poderosamente organisadas e protegidas pelos poderes publicos, conseguiram substituir os antigos processos de perseguição por outros á moderna, e a perseguição official, ou do Estado, pela particular!..

Em França acabam de sujeitar os officiaes do exercito addictos á republica a um rigoroso inquerito e a denuncias, por meio das quaes obtiveram castigos e transferencias de muitos, de quem desejaram vingar-se.

O mesmo succede em Portugal e Hespanha, onde a reacção religiosa intenta inutilisar e anniquilar todos os que lhe podem estorvar seus planos, e os que se salientam por suas ideias de livres pensadores.

As associações catholicas estão empregando todos os meios violentos para obrigarem tanto portuguezes como hespanhoes a manterem-se dentro do gremio da igreja.

Eis o que combatemos. Isto não é atacar as crenças catholicas.

Os agentes da reacção religiosa pensam, discorrem e procedem, em nossos dias, como os de ha tres ou quatro seculos atraz. Não dão fé das profundas transformações que se teem operado na humanidade desde então até hoje. Crêem possivel realisar o que se pôz em prática nos remotos tempos de Isabel a Catholica e de D. João III de Portugal!

Depois da Revolução franceza tornou-se absolutamente impossivel uniformisar o pensamento humano, e sujeitar os povos a uma só crença.

A consciencia individual libertou-se para sempre, depois da Reforma. Nada hoje a poderá subjugar de novo. Emancipou-se.

Por mais esforços que as associações catholicas empreguem, jámais conseguirão impôr a sua fé a todos os cidadãos portuguezes. O pensamento humano anda livre e solto ha mais de um seculo; já não ha grilhões que o possam submetter e domar.

A opinião de cada um é actualmente livre; é essa a maneira de ser das sociedades contemporaneas.

A reacção religiosa, que se activa por toda a parte contra as naturaes tendencias do seculo, não faz mais do que provocar conflictos e luctas sangrentas, como as que acabam de realisar-se em França.

Só por meios violentos é que o partido catholico poderá intentar sua obra de retrocesso e de oppressão. E a violencia provoca sempre reacções violentas.

Os conflictos e desordens que acabam de verificar-se em França, breve se repercutirão em Portugal e Hespanha, se n'estes dois paizes se não detém a reacção religiosa, que se ergue com terrivel grito de guerra.

Mostrando a importancia da questão religiosa, que actualmente se ventila por todo o mundo, queremos evitar que em Portugal se repitam as scenas aviltantes dos tempos passados.

A paz do mundo e das consciencias firma-se no principio de tolerancia caracteristico dos tempos modernos.

Sigam, embora, os catholicos a sua fé, mas deixem em paz os que professam outros cultos, e os que não pensam como elles. A propria dignidade e interesse d'elles assim o exigem.

Como podem ser respeitados e estimados, se são os primeiros a não respeitar os mais? Como podem ter direitos a ser tolerados nos paizes protestantes e de outros cultos, se são os primeiros a prégar a violencia e a intolerancia?

O proceder das associações catholicas na Europa contra os livres pensadores e seitas religiosas dissidentes está justificando as mortandades dos christãos pelos mahometanos no Oriente. São ellas que dão o exemplo de intolerancia e de perseguição.

Nada mais imprudente do que levantar as questões religiosas da Idade-Média nos tempos presentes. Além d'isso, a reacção religiosa segue caminho errado, que a conduz a sitio opposto d'aquelle a que pretende chegar.

Com os processos que emprega não obtem seus fins, e dá um mau exemplo, que se póde voltar contra ella. Não lhe servirá de lição o que acaba de se passar em França?

Bem sabemos que ella aguarda esperançosa os acontecimentos futuros, e que confia em que obterá em Portugal e Hespanha o que não pôde realisar em França. Esquece-se, porém, de que o resultado da

sua campanha n'este ultimo paiz foi fructo do tempo, e não das circumstancias excepcionaes. A republica franceza segue o espirito do seculo; a reacção religiosa não conseguirá o seu retrocesso aos tempos de Luiz XVIII, ou da *Santa Alliança*. E se porventura o conseguisse, seria momentaneamente.

Mais tarde, ou mais cêdo, Portugal e Hespanha entrarão no caminho da França. Quanto mais activa fôr a campanha da reacção religiosa, mais apressará aquelle passo dos dois paizes da peninsula Iberica.

Está no proprio interesse do catholicismo o abraçar francamente o principio de tolerancia, conformando-se com o espirito da época. Se confiam na bondade da sua doutrina, porque lhes falta confiança na propaganda pacifica d'ella, e recorrem á violencia, á perseguição, ao vexame e á oppressão?

Os proprios catholicos não pregam a cada instante que a verdade triumpha sempre da mentira e falsidade?

Sendo a fé catholica a unica verdadeira, pura e santa, porque se teme tanto da propaganda e concorrencia das mais religiões, e da propaganda dos livres pensadores e homens de sciencia?

A unica attitude digna, séria e efficaz das associações catholicas, é entrarem no caminho da tolerancia, e acceitarem a lucta no terreno pacifico da propaganda.

Desde que deixem de violentar a consciencia dos seus contrarios, tornar-se-hão dignas do respeito de todos. Querendo proseguir nas luctas de exterminio

dos tempos passados, não fazem mais do que concitar odios e perturbar a paz das nações, sem lograrem seus fins.

O partido catholico encontra-se deslocado do actual meio social. Despede golpes de cego, sem vêr onde alcançam. Por isso se fere a si proprio muitas vezes. Tem toda a confiança no passado, e desconhece por completo a corrente que leva comsigo os povos actuaes. Fecha os olhos ao futuro, e não se preoccupa com os acontecimentos que se preparam para o dia de ámanhã. Fascina-o tão sómente o grande poder de que outr'ora dispôz.

É uma verdadeira temeridade a campanha emprehendida pelas associações catholicas em todo o mundo culto para fazer retrogradar a humanidade muitos seculos.

Se as instituições actuaes correm risco com a vigorosa cruzada das infinitas associações catholicas, estas não o correm menos. Lançaram-se n'uma aventura, que lhes póde sahir bem cara.

Domina-as mais o fanatismo de outras éras, do que a razão. Como as creanças, estão brincando com fogo, sem conhecerem o perigo.

A igreja catholica commette grande erro deixando-se ir a reboque da Companhia de Jesus, que só mira a seus interesses proprios e egoistas na sua lucta contra o seculo. Pretende arrastal-a comsigo, para que no meio do conflicto fique ella só dominando as consciencias catholicas. Já se pensa n'ella em fundar uma monarchia da Companhia de Jesus!

Tal é a ideia expendida n'uma obra recentemente publicada por um padre jesuita. É um balão de ensaio.

A igreja catholica deve desconfiar sempre de um alliado que não dá um passo senão com fins interesseiros.

É elle que a está indispondo com os povos actuaes, e malquistando-a com os homens do futuro, aconselhando-a a não transigir com o espirito da época.

A igreja catholica nada lucra com o divorciar-se das gerações novas. Pelo contrario, perde adeptos e cria inimigos.

A campanha emprehendida pelos jesuitas contra as tendencias do nosso seculo, e para seus fins particulares, é mais fatal á igreja, do que util. Envolve-a em infinitos conflictos, aggrava a sua situação, creada depois da Revolução franceza, e attráe sobre ella muitos perigos futuros.

As associações catholicas trabalham mais por conta e beneficio da Companhia de Jesus, do que a beneficio da igreja catholica. Esta não tem mais do que seguir a politica sensata e prudente de Leão XIII, evitando por todos os modos conflictos e attritos com as nações e com as gerações modernas.

Porto, 4 de Junho de 1905.

José d'Arriaga.

A QUESTÃO RELIGIOSA

CAPITULO I

Intolerancia religiosa

E' no campo religioso que se evidenciam bem as burlas e sophismas da escóla constitucional doutrinaria, expressamente inventada para annullar as mais importantes conquistas da Revolução franceza.

Ninguem ignora que o ponto inicial d'este importante acontecimento dos fins do seculo XVIII foi a liberdade de pensamento e de consciencia. E' esta a liberdade fundamental de todas as liberdades. Apesar d'isso, tem sido exactamente a mais combatida, cerceada e sophismada até hoje!

Napoleão I, o verdadeiro creador do constitucionalismo, inaugurou o seu imperio assignando uma Concordata com Roma. Todos os outros monarchas constitucionaes seguiram-lhe o exemplo.

E' bem sabido que os papas não deixaram um só momento de anathematisar as doutrinas do crédo liberal.

O resultado d'esses pactos, destinados a conciliar

o constitucionalismo com a igreja, foram as peias que lançaram á primeira das liberdades conquistadas.

D. Pedro IV prohibiu em Portugal o livre exercicio dos cultos alheios ao catholicismo, e deixou na sua Carta o celebre artigo 6.°, que tem servido de base para a reacção religiosa.

Como nos tempos do puro absolutismo, a igreja catholica ficou sósinha em campo, e senhora exclusiva dos templos publicos do paiz, do pulpito, do confessionario, das familias, da escóla, etc.

Eis a tão apregoada liberdade religiosa trazida pelo constitucionalismo!

A consequencia d'esse passo é estarmos ainda hoje, sob o ponto de vista da tolerancia religiosa, quasi como nos beatos tempos de D. João III e D. João V!

Ao chegar á idade da lei, todo o cidadão portuguez é intimado a alistar-se no exercito, sob pena de desertor. Entra no quartel, e obrigam-o a jurar bandeira ante o padre catholico e á fé catholica, ainda que não professe esta religião, ou seja livre pensador!

Nos dias de missa ouve tocar a reunir, e é obrigado a ir á missa, embora não creia no acto a que o forçam a assistir, como nos tempos da Inquisição.

Vem a época da confissão e da communhão. O mesmo cidadão, feito soldado á força, é obrigado a confessar-se e a commungar, ainda mesmo que isso lhe repugne. E se este cidadão portuguez, a quem impuzeram uma farda, se recusa a jurar bandeira ante a Biblia catholica, ir á missa, confessar-se e commungar, é preso, processado, e mettido de castigo n'uma enxovia!

Que differença ha, pois, entre estes tempos de constitucionalismo e os das fogueiras e autos de fé?

E' por aquella fórma que em Portugal existe a liberdade de cultos e de consciencia!

Um cidadão portuguez catholico, ou não catholico, protestante, judeu, ou livre pensador, recebe mandado do juizo para comparecer perante o tribunal, afim de depôr como testemunha. Apresentam-lhe a Biblia catholica, para jurar sobre ella. Se se recusa, e declara que é livre pensador, o juiz manda autoal-o, e instaurar processo contra elle! Este facto, estranho e brutal, é mui frequente em nossos tribunaes.

Um pae protestante, judeu, ou livre pensador, quer mandar seu filho para uma escóla publica. Aqui impõem-lhe a cartilha catholica, que não tem mais remedio do que acceitar, se lhe faltam recursos para entregar o filho a um professor particular. Ou resignar-se a que elle receba o ensino catholico, ou deixal-o ignorante e analphabeto.

E' a velha maxima — missa, ou morte — dos velhos tempos de intolerancia, imperando nas escólas officiaes dos nossos proprios dias!

Ha mais e melhor: Nenhum mancebo póde matricular-se na unica Universidade do reino, sem prestar juramento de defender a immaculada conceição de Maria! Se se não presta a esse acto expulsam-o, e perde sua carreira litteraria. Estupendo!

E' um facto proprio e caracteristico dos povos semi-barbaros e fanaticos, como os da China, Turquia e Marrocos, paizes com os quaes Portugal quer nivelar-se, para dar á Europa uma prova do seu adiantamento!

Em pleno regimen constitucional vigora uma medida dos beatos tempos de D. João III, D. João V, D. João VI e D. Miguel!

Um pae não catholico busca um collegio particular, para n'elle educar seus filhos. Por toda a parte

encontra collegios da Conceição de Maria, de Santo Ignacio de Loyola, de S. Agostinho, de S. Thomaz d'Aquino, do Coração de Jesus, etc., etc.

Rarissimos são os collegios que não estejam, como as igrejas, sob a invocação de um santo, ou santa, com o fim de impôr aos collegiaes o ensino catholico.

Não fica ainda por ahi a intolerancia e perseguição systematica contra os cidadãos portuguezes que não professam a religião catholica.

Todos os hospitaes teem capella e capellão catholico e só catholico. Cada enfermaria é consagrada a um santo, ou santa.

Nos hospitaes entregues ás irmãs hospitaleiras, estas, em todas as horas da comida, apresentam-se nas enfermarias, accendem as velas dos altares collocados ao fundo d'ellas, ajoelham, e forçam os enfermos, sejam ou não catholicos, a acompanhal-as em suas rezas e orações!

Para que instituir capellas annexas aos hospitaes, destinados exclusivamente á cura das enfermidades, que são da competencia dos homens da sciencia medica?

Não é isso restos d'esses remotissimos tempos de atraso e ignorancia, em que a humanidade acreditava que a medicina era um dom divino, e em que, por este motivo, era exercida pelos sacerdotes?

Estabeleceu-se, dizem, em Portugal a tolerancia religiosa; e os hospitaes foram instituidos tão sómente para os catholicos!

As irmãs de caridade invadiram esses estabelecimentos pios com o pensamento de impôrem aos enfermos os preceitos da igreja catholica. Os que não as acompanham em suas rezas, não assistem á missa e se confessam a miude, são por ellas mal vistos, maltratados, e castigados á menor falta. Abandonam,

e deixam morrer como um cão, todo o enfermo que na hora do perigo não quer receber os sacramentos!

Assim se pretende impôr nos hospitaes a fé catholica, como é imposta nos quarteis, nas escólas publicas, e nos collegios particulares!

Nos asylos e casas de caridade a intolerancia é ainda mais dura e cruel do que nos hospitaes. Todas teem capella e capellão catholico; e ahi não entra quem não é catholico, e não apresenta attestado de que cumpriu com todos os preceitos da igreja. E' um ente desprezivel, uma besta, que não merece a caridade do seu similhante!

Tal exactamente como se pensava nos ferozes tempos da Inquisição.

Ainda sob este ponto de vista, subsiste o Portugal do frade, do jesuita, do inquisidor-mór, do beaterio, do fanatismo, da ignorancia e estupidas superstições.

Não ha muito tempo ainda que a lei exigia que os attestados de bom comportamento fossem passados pelo parocho, o que importava dizer, como na época do Santo Officio, que todo o cidadão portuguez que não fosse catholico, ou não cumprisse á risca os preceitos d'esta religião, era um mau cidadão, de comportamento immoral, e por isso incapaz de exercer cargos publicos, e de gosar direitos politicos e civis!

Essa lei brutal e perseguidora não está abolida completamente. Ainda vigora para certos casos. No reino visinho está em prática em toda a sua plenitude!..

Após heroicos esforços dos sinceros liberaes, conseguiu-se o casamento e registo civis; mas, para transigir com a reacção, o Codigo Civil torna obrigatorio o casamento canonico para os catholicos; isto é: a lei civil, como no passado da intolerancia,

faz-se solidaria com a lei canonica, prohibindo constituir familia a quem não vae á missa, confessar-se, commungar, etc.

Em nossos proprios dias o Estado ainda sanccionа as leis e penas da igreja, como ha muitos seculos atraz, e como se em Portugal ainda não soprasse o espirito liberal e moderno!

O registo civil anda sophismado e embaraçado de mil modos, porque os governos, para contemporisarem com a reacção, não querem pôl-o em prática, nem libertar por completo os cidadãos portuguezes das mãos do clero. Só forçados pela opinião publica, accederam a essa instituição. Actualmente buscam recuar n'esse caminho, para que foram impellidos contra sua vontade. D'aqui a protecção por elles dada ao partido reaccionario.

Um livre pensador deseja casar-se com a mulher que seu coração elegêra; sem o saber, encontra-se com uma noiva filiada nas associações catholicas, ou por ellas dominada e fanatisada. Convenceram-n'a de que o casamento civil não passa de um ignobil concubinato. Aterrada com essa ideia, fórça a casar-se catholicamente o noivo, que d'ella está enamorado, e que tudo sacrificará para a possuir!

Quando nasce um filho a um livre pensador, as beatas e os beatos das associações catholicas trabalham activamente perante a mãe, para que ella mande baptisar o recem-nascido. Trava-se conflicto entre o pae e a mãe, no qual aquelle tem que ceder a bem da tranquillidade do lar, porque os homens são mais transigentes do que as mulheres.

Os agentes das associações catholicas não cessam de semear a sizania no seio das familias dos livres pensadores, para não os deixarem em paz um só momento.

Não contentes com o insubordinar as esposas con-

tra as doutrinas dos maridos, intentam voltar contra elles os proprios filhos e filhas!..

Quando um livre pensador se encontra na agonia, invadem-lhe a casa os mesmos agentes das associações catholicas, para o forçarem, no meio das afflicções da morte, a fazer declarações em favor da fé catholica. Não podendo fallar, gesticula, para afastar de si tão audazes e impertinentes inimigos. Estes tomam seus gestos como signal de que responde affirmativamente ás perguntas que lhe dirigem. Teem o cuidado de afastar do leito os parentes e amigos, subjugados pela dôr e pelo pranto. Escrevem a declaração por elles interpretada e dictada; assignam testemunhas. O cadaver pertence á igreja; não póde ser enterrado civilmente! Triumpha a reacção!

Nem á hora da morte, e nem mesmo depois de mortos, nos deixam tranquillos!

Com essa declaração fraudulenta e traiçoeira, as associações catholicas não teem em vista sómente subtrahir o cadaver ao enterro civil, mas deshonrar a memoria do fallecido, se se trata de um homem illustre. Ella serve de prova de que este, á hora da morte, se arrependêra de suas doutrinas, e abraçára a fé catholica!

Assim procederam com alguns dos mais insignes livres pensadores dos nossos dias.

A Carta Constitucional diz que nenhum portuguez póde ser perseguido por motivos religiosos; mas a perseguição prosegue de facto pelas infinitas associações catholicas, toleradas, e até protegidas pelos governos constitucionaes!

O protestante, o judeu, e o livre pensador, continuam a ser alvo dos ataques diarios do clero, do jesuita, do frade, e das associações catholicas, exactamente como nos tempos da Inquisição e do reinado miguelino!

Querem acabar cóm toda a seita liberal de nossos dias, e destruir todas as obras da Revolução franceza e conquistas do seculo!

Que temos avançado, pois, no caminho da tolerancia religiosa?

No Portugal pertencente ao chamado seculo das luzes, reproduzem-se ainda as mesmas scenas grosseiras dos seus tempos de grande atraso mental, de crassa ignorancia e de superstições degradantes!

Eis por que existe a questão religiosa, e existirá sempre, emquanto os liberaes convictos não acabarem com esses governos, que até hoje teem atraiçoado a causa da liberdade, pactuando com os inimigos d'ella, e até protegendo-os em sua audaz campanha.

E' dever de todo o liberal sincero, e amante do progresso e civilisação do seu paiz, trabalhar para que se implante, de uma vez para sempre, a liberdade de cultos e de pensamento, sem a qual não avançam as sciencias, e com estas todos os ramos do trabalho nacional.

Abaixo a maxima — missa, ou morte! Foi ella a causa da ruina, atraso e decadencia de Portugal e Hespanha, e está hoje servindo de estorvo a que estes dois paizes entrem no concerto das nações mais adiantadas da Europa e America.

CAPITULO II

Livre ensino reaccionario

As medidas adoptadas pela terceira republica franceza contra as ordens religiosas, fizeram entrar na tela da discussão o problema do livre ensino.

Os successos que se desenrolaram em França são identicos aos que se passam nas mais nações latinas. A questão apresenta-se n'estas nos mesmos termos que n'aquella.

Alguns liberaes sinceros viram n'essas medidas um grave ataque aos principios da escóla que seguem e defendem. Resentem-se ainda dos vicios do seculo findo, não querendo tratar as questões sociaes no campo dos factos. D'aqui, o erro em que incorrem, quando julgam que a causa da liberdade ficou gravemente prejudicada com o encerramento das escólas congregacistas e jesuiticas.

Para elles, n'estas escólas é que estava a victoria dos principios liberaes, do livre ensino, e até do livre pensamento!

Taes são os desvarios a que está sujeito quem discorre sobre questões d'este genero no campo abstracto.

Com o fatal erro de não quererem abandonar suas abstracções, não descem aos factos que legitimaram, e originaram as medidas em questão. Estas não são filhas de uma disputa entre escólas, mas dos graves acontecimentos que ameaçaram a existencia das instituições republicanas. Não véem consagrar a doutrina liberal, que isso está feito ha muito tempo, mas pôr a causa d'ella ao abrigo dos ataques dos seus adversarios. São como muralhas levantadas em redor das instituições modernas, para que as não alcancem os tiros das numerosas hostes reaccionarias, que subitamente investiram contra ellas.

O governo da terceira republica não está disposto a deixar-se cahir em outra cilada.

Previne-se com justificados motivos para novas surprezas d'esses com quem havia pactuado de boa fé, suppondo-os ingenuamente fieis alliados da republica.

Foi um grave erro d'esta alliar-se com Roma, afim de, com o auxilio do partido catholico, vencer o poderoso e actual imperio da Allemanha protestante, contra a qual aquelle havia levantado, a principio, guerra pertinaz.

Esse partido, em vez de auxiliar a republica a tirar a desforra de Sédan, só pensou em atraiçoal-a, para tirar desforra dos golpes que havia recebido com as instituições introduzidas na França actual.

Os reaccionarios, aproveitando-se da Concordata com Roma, da alliança com o clero e a igreja, feita pela republica franceza, trataram logo de inundar o paiz com infinitas ordens religiosas, filhas dos remotos tempos de ignorancia, de obscurantismo e de grosseiras superstições.

Esses sustentaculos do velho regimen absoluto puzeram-se logo em campo contra a republica e todas as conquistas do nosso seculo.

Não podiam, na verdade, viver no meio d'ellas, como as aves nocturnas em plena luz. Incommodavam-n'as tantas escólas, tantos institutos de instrucção, tantas academias, ou tanta sciencia, que durante trinta annos se havia espargido por toda a França. Não era compativel com instituições que vivem só da ignorancia, das superstições e crendices populares.

Dentro em pouco tempo, as congregações religiosas declararam guerra contra as obras da republica. Esta, filha legitima da Revolução franceza, ia no caminho do progresso e da sciencia; aquellas, por sua indole e natureza, tendiam, e tendem, para retrogradar, ou para o passado. Estão ao serviço da fé e do dogma contra a razão, ou a sciencia que em nossos dias tem feito conquistas de vasto alcance.

Desde que a republica e as ordens religiosas se viram juntas, entraram logo em conflicto.

Era natural.

Ou republica com todas as suas instituições liberaes, tolerantes, progressivas e civilisadoras; ou congregações e ordens religiosas com todas as instituições do passado, derribado pela Revolução franceza. Pertencem a dois mundos inconciliaveis e repulsivos um ao outro.

A terceira republica franceza commetteu, na verdade, grave leviandade mettendo em casa tal inimigo, que, tarde ou cêdo, e por natural instincto, deveria conspirar contra ella. Não podem viver unidos, nem alliarem-se.

N'essas condições, devia o Estado republicano persistir na inepcia de querer viver em paz e boa harmonia com um dos seus mais temiveis e intransigentes adversarios? Os principios liberaes e de to-

lerancia levam a esse absurdo? Em nome d'elles, a republica deixou á vontade as congregações religiosas, que, em vista d'isso, se multiplicaram, cresceram, e se tornaram em pouco tempo fortes. De um momento para outro investiram furiosas contra as instituições republicanas, para as derribarem á traição. Eis os factos.

E' isso o que desejam os sinceros liberaes que defendem a causa das congregações religiosas?

Não o querem, decerto, apesar de a isso os levar sua estranha attitude.

Mas é esse o pensamento dos reaccionarios, quando hoje invocam dolosamente os principios liberaes e de tolerancia em seu favor. Pretendem convertêl-os em arma traiçoeira, para com ella assassinarem a republica e a liberdade.

Sirva isto de exemplo ás mais nações.

Sempre que os reaccionarios se arvoram em defensores dos principios de liberdade e de tolerancia, é com o pensamento occulto de derribar a causa liberal, contra a qual não cessam de conspirar. E por esse meio conseguem a divisão no campo dos seus contrarios, levantando liberaes contra liberaes, no proprio momento em que rompem fogo contra elles!

Muito bem andou o parlamento francez em não deixar-se seduzir com essa falsa e traiçoeira defeza da doutrina liberal. Isso não passava de um laço armado pelos adversarios d'ella, na propria occasião em que contra ella tramavam!

*

Não foram sómente as ordens religiosas que medraram durante o pacto da republica com Roma e o clero. Ao lado d'ellas levantou-se outro inimigo talvez mais perigoso e audaz. Referimo'-nos ás asso-

ciações catholicas, que foram um dos braços auxiliares da Inquisição, organisando systematicas matanças contra os que não queriam seguir a doutrina catholica. Essas associações espargiram-se por toda a França, e entraram em novo periodo de actividade contra a impia Revolução franceza. Reuniram-se em seus conciliabulos secretos, onde conspiraram activamente contra as instituições republicanas.

Novamente encetaram energica campanha scientifica, litteraria e artistica em pró da fé, como nos principios do seculo findo. Com ella pretenderam abafar as sciencias contemporaneas com o sentimento religioso, ou escravisar mais uma vez a razão com o dogma.

E, para obterem seus fins, principiaram a soprar em toda a França o espirito de revolta, e a excitar os odios e paixões com que deviam incendiar a guerra civil, que lhes permittisse o sonhado retrocesso politico.

Foi para essa obra de reacção que se crearam as infinitas escólas das ordens religiosas e das associações catholicas, como auxiliares dos collegios jesuiticos, onde verdadeiramente se encontra concentrado o movimento contra as ideias do seculo e as sciencias contemporaneas.

O ensino d'essas escólas consiste em incutir no animo das creanças e da juventude o odio e a intolerancia com todos que não são catholicos.

Dos collegios jesuiticos e das congregações sahiram essas gerações de fanaticos e de perseguidores, que fizeram a campanha anti-semita, e levantaram a escandalosa questão Dreyfus. Por muitos annos mantiveram a França em permanente estado de agitação e de tumulto, para que no meio d'elle sahisse victoriosa a reacção politico-religiosa em que andaram empenhadas.

Esse ensino despertou as adormecidas e antigas luctas religiosas, e armou francezes contra francezes.

Eis os fructos do chamado ensino livre!

Podia o Estado da republica toleral-o por mais tempo? E' essa a missão da escóla?

As congregações e collegios jesuiticos converteram esta em arma politica, desviando-a do seu verdadeiro destino.

O ensino catholico não só é contra os principios liberaes, mas tambem contra o livre ensino e livre pensamento.

Até hoje, a igreja e o clero teem trabalhado para monopolisar as escólas, prohibindo-as aos collegios laicos e professores particulares. E, depois de haverem perdido a esperança de obter isso em França, arvoraram-se subitamente em defensores do livre ensino!

Ainda mais: Todo o partido reaccionario condemna os principios liberaes como nocivos, e até anti-religiosos; e, quando levantou no parlamento francez a campanha contra o *anti-liberal* sr. Combes, defendeu-os com enthusiasmo!

Em favor d'elle servem, são bons.

E accusam os defensores do sr. Combes de incoherentes! Elles não o são na questão presente.

*

Já vimos em que consiste o ensino catholico e quaes foram seus fructos durante a terceira republica.

A escóla tem por missão derramar a instrucção, ou os conhecimentos humanos conquistados pela sciencia, e não crear fanaticos, intolerantes, discolos e inimigos das sciencias, da instrucção e dos que não pensam como elles.

O leal e coherente ministerio Combes, cumprindo as leis contra esse falso ensino, prestou grande serviço á causa da sciencia, da instrucção real e verdadeira, do livre ensino e do livre pensamento, contra a qual conspira incessantemente o partido reaccionario e clerical.

Foi um interprete sincero da Revolução franceza, e não os que defenderam e defendem o ensino das congregações religiosas contra as instituições modernas e contra o proprio ensino livre.

CAPITULO III

Liberdade contra a liberdade

E', na verdade, bem exotica e extravagante a doutrina que o partido reaccionario, e os constitucionaes, seus defensores, inventaram para sustentarem actualmente a causa da reacção. Só podia sahir da cabeça dos que não comprehendem os principios liberaes, e dos que os adoptam por especulação.

Liberdade para a reacção, quer dizer liberdade contra a liberdade, ou, melhor, liberdade e não liberdade. E' uma proposição no fundo negativa, e que leva á negação do principio liberal. E é isto o que, na verdade, occultam na these enunciada esses eternos inimigos da liberdade. O que admira, é que haja sinceros liberaes que se deixem cahir no laço.

Com a liberdade para a reacção deseja-se annullar a acção dos governos no sentido da liberdade. E' como se se quizesse collocar uma força contraria ao lado da outra, para a destruir.

E' absurdo harmonisar a acção com a reacção.

Ou uma d'ellas destroe a outra, ou ambas ficam annulladas.

Um governo encarregado de manter as modernas instituições, que adoptasse esse principio para norma do seu proceder, entregaria ineptamente as mesmas instituições nas mãos dos seus adversarios.

Como já dissemos, as questões sociaes tratam-se no campo pratico, e não no campo abstracto, como as theologicas e as referentes aos dogmas. Um Estado não é uma igreja, uma Universidade, ou um instituto scientifico. Não estuda e resolve as questões sociaes e politicas, como os doutores da igreja as questões de theologia, e como os professores metaphysicos as scientificas. O terreno da sua actividade é outro. Não é propagador de doutrinas, mas defensor de instituições.

O principal dever do Estado moderno é manter, desenvolver e consolidar, mais e mais, as modernas instituições, e não deixal-as perder.

E' immoral e deshonesto aconselhal-o a que feche os olhos, e deixe os reaccionarios conspirar á vontade; organisar sociedades secretas em que se planeiam matanças dos liberaes e se intriga contra elles; soprar nos povos o espirito de revolta, prégando a guerra religiosa e a civil; e excitar os odios e as paixões, afim de, por esse modo, conseguirem a desordem e a anarchia, que lhes permittam subir no meio d'ellas. Assim procederam ultimamente na França, e estão procedendo em Portugal e Hespanha.

Eis a liberdade e a tolerancia que os reaccionarios pedem para si.

Haverá porventura um governo regular, que de boa fé adopte similhante liberdade e tolerancia?

Quando, os que invocam hoje tal direito, estiveram no poder, deram-n'o e reconheceram-n'o a seus

adversarios? Se, por acaso, ámanhã governarem, terão para com estes a tolerancia que ora pedem para si?

*

Liberdade para os liberaes, e liberdade para os absolutistas, ou para a não liberdade, são coisas que se não combinam nem se ajustam. Uma nega a outra.

Esse principio é contradictorio comsigo mesmo; contém ao mesmo tempo uma affirmação e uma negação. E' como se os absolutistas dissessem: — queremos absolutismo e não absolutismo, ou liberdade.

D'aqui o extravagante da these sustentada pelos reaccionarios, para conseguirem seus fins.

Onde impera a liberdade não impera o absolutismo, e onde impera o absolutismo não impera a liberdade. São coisas que se repellem, e não podem coexistir.

N'um regimen de liberdade só a liberdade é tolerada.

As leis e as auctoridades teem obrigação de proteger e defender quem se vê ameaçado no exercicio de tão importante direito, o primeiro dos direitos do homem. N'esse regimen não é permittido a ninguem attentar contra a liberdade dos outros. E' mais sagrada do que o proprio direito de propriedade. Commetter um roubo é menos grave do que tirar a outrem a sua liberdade.

Se aquelle acto se considera punivel, com muita mais razão deve sêl-o este ultimo.

E o que pretendem os da seita reaccionaria? Opprimir e tyrannisar os seus similhantes, ou os que teem os mesmos direitos que elles.

Pregam doutrinas criminosas, como o ladrão o principio do roubo. Em these não querem roubar os

haveres alheios, mas as alheias liberdades, o que para nós é peor. Não ha paridade alguma entre elles, que propagam essas ideias attentatorias dos direitos do homem, e os liberaes, que por estes derramaram seu sangue e continuam a defendêl-os.

A tolerancia, a que temos todo o direito, não é a mesma e igual á que hoje pedem para si os inimigos da tolerancia e da liberdade.

A liberdade que sustentamos é para todos, incluindo os nossos adversarios; a que estes exigem é só para elles; não a reconhecem para os outros.

Queremos a liberdade para mantêl-a; os reaccionarios querem-n'a para a destruir.

E' por isso que a doutrina, hoje defendida por estes, conduz á negação da liberdade.

Somos coherentes não querendo que as sociedades actuaes sejam regidas por essa postiça liberdade dos reaccionarios.

E' nosso dever oppôrmo'-nos a essa burla, que, por sêl-o, é apoiada pela seita constitucional, tão fertil em burlas e sophismas.

Temos direito á tolerancia, porque a defendemos com lealdade, e somos realmente tolerantes; temos direito á liberdade, porque o nosso partido derramou muito sangue para a conquistar, e porque a queremos para todos os cidadãos, e não para nós apenas.

O mesmo caso não se dá com os reaccionarios, que pregam a tolerancia, e são intolerantes com os outros; e não sómente não reconhecem para estes a liberdade, mas trabalham para os escravisar.

Quem póde tolerar um intolerante? Podemos, porventura, permittir liberdade de acção para os que andam empenhados não só em tirar-nos a liberdade que a custo conquistamos, mas tambem em attentar contra nossas vidas e bens, por meio dos confiscos,

que tantas vezes teem posto em pratica contra seus adversarios?

Ainda se fizessem pacificamente sua propaganda attentatoria dos direitos e liberdades dos cidadãos, podiam ser tolerados; mas não se limitam a isso.

Não cessam de conspirar na sombra, de excitar o povo á revolta, de incendiar guerras civis e religiosas, de intrigar e lançar o descredito sobre o regimen liberal, e de diffamar todos os que pugnaram e pugnam em favor d'esta causa.

A liberdade tem-se perdido muitas vezes por causa d'esses manejos da reacção. E' dever dos governos liberaes vigiar-lhes os passos, e obstar a que, mais uma vez, derribem a liberdade. Não nos venham com essa fraude de liberdade contra a liberdade, tolerancia para a intolerancia.

E como é que os homens, que toda a sua vida não fizeram mais do que prégar contra as doutrinas do crédo liberal, hoje invocam essas doutrinas? Quem é coherente, nós ou elles?

Já os reaccionarios julgam boa a doutrina liberal?

Então porque seguem conspirando contra ella?..

Se ella merece acceitação, abdiquem do crédo absolutista, e confessem que teem andado sempre em erro, e que teem sido bem injustos para com os liberaes.

Doe-lhes o serem coarctados em sua liberdade mal entendida? Pois fiquem sabendo quanto custa a privação da liberdade.

*

Com referencia ao ensino, ainda se dá outra contradicção dos reaccionarios. Acceitando já, como dizem, o livre ensino, é logico que acceitem o livre pensamento. Este é consequencia natural d'aquelle.

E se admittem o livre pensamento, deitam por terra o edificio catholico, que hoje teem architectado em suas cabeças, mas que outr'ora erigiram sobre o regimen absoluto, ou das torturas e carceres da Inquisição.

Mas não é isso, na verdade, o que elles querem. O livre ensino é só para elles, como só para elles pedem liberdade e tolerancia, mesmo em pleno regimen liberal!

E' um ensino livre tão falso e postiço, como a liberdade e tolerancia que invocam ante os liberaes.

A sua doutrina assenta em bases falsas e manhosas. Não póde ser acceita pelos liberaes sinceros, nem estes se devem deixar cahir em similhante cilada.

CAPITULO IV

Liberaes e reaccionarios

Firmados nas Concordatas, ineptamente negociadas com Roma pelos governos constitucionaes, os reaccionarios conseguiram inverter os papeis, com tolerancia dos mesmos governos.

São elles, os vencidos, que pretendem dar as leis aos liberaes, vencedores!

A proposito da recente prohibição das suas manifestações contra as conquistas da sciencia e do seculo, não os vêmos sustentar ousadamente que, em Portugal, só elles teem direito de manifestar-se, ainda mesmo contra a ordem publica e as instituições vigentes?

Ao mesmo tempo, não exigem com maxima arrogancia que o governo prohiba todas as manifestações dos liberaes, isso em nome dos direitos da igreja, que dizem garantidos pela Concordata?..

Elles sós teem direitos; os liberaes não, que o regimen liberal fez-se unicamente para elles!..

São consequencias da tolerancia que todos os

partidos constitucionaes teem tido até hoje com o partido clerical e ultramontano. Em virtude d'ella, este tornou-se tão soberbo e altivo, que já se considera com mais direitos do que os liberaes, e até do que o proprio Estado!..

E ainda ha liberaes que pedem para a igreja mais tolerancia, mais liberdades e mais privilegios!..

O que prégamos e defendemos, nós os liberaes e livres pensadores, constantemente embaraçados em nossa propaganda pelos poderes publicos?

Nosso crédo politico reduz-se a respeitar todas as crenças, inclusivè as dos nossos adversarios; todas as ideias, todas as seitas e todos os partidos. Queremos que cada um sinta, pense e creia, segundo os dictames de sua consciencia, e não por imposição brutal da lei. Buscamos a paz de todas as consciencias, implantando nos povos a tolerancia com todas as crenças, com todas as escólas e com todas as opiniões. Desejamos a boa harmonia de catholicos com protestantes, de protestantes com catholicos, de todos estes com judeus, e de judeus com todos aquelles, etc., etc.

Nossa escóla baseia-se nas doutrinas de amor e de fraternidade prégadas por Jesus.

Esforçamo'-nos por acabar de vez com as luctas fratricidas, que por motivos religiosos ensanguentaram as épocas passadas. Defendemos os direitos de todos, e, portanto, os dos nossos adversarios. Somos contrarios a toda e qualquer perseguição e ataque á liberdade. Queremos iguaes direitos para todos, para todas as igrejas e para todos os partidos. Só assim a humanidade entrará n'um periodo de ordem e de paz.

E é só contra nós, que desejamos tudo isso, que os governos teem usado de todas as precauções e de medidas oppressoras!..

Agora vejâmos o que pretendem esses, com quem os poderes publicos teem tido, até hoje, as maximas considerações, e protegem em nome dos principios liberaes!

As seitas catholicas partem do principio de que, além dos catholicos, ninguem mais tem direito de pensar livremente.

Segundo ellas, deve existir uma só fé, e uma igreja só.

Entendem que é seu direito perseguir, e até matar os seus contrarios. Consideram um dever sagrado exterminar todos que não queiram sujeitar-se aos dogmas e preceitos da sua igreja. São herejes, e as heresias, no feroz conceito d'elles, devem ser expurgadas nos carceres, nas fogueiras, no patibulo, e por meio de matanças systematicamente organisadas.

Para obterem seu ideal sangrento, instituiram o tribunal, que denominaram do *Santo Officio;* e até hoje não teem cessado de promover horriveis carnificinas, em que praticaram crimes hediondos, e actos de brutal selvageria.

São infinitas as canibaes em que as seitas catholicas teem cevado seus naturaes instinctos sanguinarios contra os que não querem pensar como ellas.

Esses fanaticos e intolerantes ensanguentaram toda a Idade-Média, a Historia moderna, e até a propria Historia contemporanea!

E, porque já havia muito tempo que não lhes era possivel saciar com sangue seus odios e rancores, intentaram ultimamente incendiar em toda a Europa mais outra guerra religiosa!

Julgando a humanidade ainda em plena Idade-Média, ousaram promover mais outra guerra contra os judeus, parodiando os tempos da Inquisição, que desejam resuscitar!

Depois da matança dos judeus, viria a dos ho-

mens da sciencia contemporanea, a dos livres pensadores, a de todos os liberaes, a dos protestantes, etc.

Tal o pensamento que se abrigou na celebre questão do israelita Dreyfus.

Realisada essa cruzada sangrenta na França, as seitas catholicas proseguiriam na sua obra exterminadora nas mais nações.

Para a questão Dreyfus, ou do anti-semismo, cooperaram as congregações religiosas e os jesuitas com o livre ensino catholico, que consiste, como já dissemos, em excitar no animo das creanças e da juventude o odio e a intolerancia com os que não professam o catholicismo.

Tanto n'essas escólas, como nos conciliabulos das associações catholicas, no pulpito e no confessionario, sustentaram que os homens do seculo são impios, que trabalham para destruirem as obras de Deus, e por isso devem ser exterminados.

D'aqui o espirito de revolta que se manifestou em França, e que ainda hoje persiste contra as medidas adoptadas pela republica, as quaes detiveram os fanaticos sectarios nos seus impetos sanguinarios.

Agora perguntamos: Os principios liberaes permittem o assassinio, as matanças systematicas, o attentar contra a vida e bens dos cidadãos não catholicos, o promover a lucta dos partidos no campo das armas, e o incendiar guerras civis e religiosas?

Em nome da escóla liberal podem ser toleradas sociedades de malfeitores, de incendiarios e de criminosos?

E porque o governo francez mandou cerrar todas essas casas onde se prégou á morte e o exterminio de todos os francezes não catholicos, gritam desesperados que praticou um grave attentado contra a liberdade!..

Deixál-os matar á vontade, que é este o direito dos catholicos, e só d'elles!..

Taes são os que até hoje teem encontrado altas protecções nos governos, emquanto estes perseguem os livres pensadores, amantes da humanidade!

A Republica franceza pôz termo ao periodo de agitação que as seitas catholicas n'ella sopraram para incendiarem a guerra religiosa e civil.

Mas eil-as agora trabalhando para o mesmo fim em Portugal.

O bispo do Porto pede ao governo que entregue os impios nas mãos da igreja, para esta os degolar, citando um texto de uma das leis da theocracia hebraica, mas lembrando no fundo do seu pensamento o exemplo seguido com a instituição do *Santo Officio*. O bispo de Coimbra pede ao exercito que peleje em defeza da religião; quer dizer: que dispare suas armas contra esses impios que o prelado do Porto quer sejam exterminados pela propria igreja.

E' raro o dia em que nos pulpitos das igrejas não se preguem sermões contra os homens do seculo impio, excitando-se as iras populares contra elles, como no tempo das matanças dos maçons e pedreiros livres, nos reinados de D. João VI e D. Miguel.

As associações catholicas activam-se por todo o paiz. Estão alistando suas hostes e aguçando os punhaes.

Os jornaes reaccionarios declaram, alto e bom som, que não reconhecem direitos aos livres pensadores, e que é dever do Estado reprimil-os, sob pena de blasphemo.

E' bem claro; exigem que o Estado lhes dê plena liberdade para exterminarem a ferro e fogo não só os livres pensadores, como os liberaes, e todos que estão fóra da igreja catholica.

Segundo elles, n'um estado catholico só os ca-

tholicos orthodoxos teem direitos. Os outros cidadãos estão fóra da lei: não devem ser respeitados nas suas vidas e fazendas, como se praticou no tempo do *Santo Officio.*

Liberdade para as matanças, saques e incendios, dos catholicos, que é esta a unica e legitima liberdade! A que defendemos é uma liberdade falsa, impia e blasphema!..

E se, ao vêrmo'-nos ameaçados de sermos assassinados e entregues ás mãos das hordas fanaticas, pedimos garantias, os governos dizem-nos que lhes cumpre manter a liberdade que assiste aos reaccionarios! E estes respondem-nos: «Não tendes direitos; o que pedís é contra a liberdade; e, em nome de Deus e da sua igreja, temos de vos exterminar. Não reconhecemos ao Estado catholico o direito de coarctar-nos n'essa liberdade, porque é catholico como nós!»

Eis as doutrinas que se expendem em Portugal ainda no seculo XX, e encontram altas protecções nas regiões officiaes!

CAPITULO V

A Companhia de Jesus

No prologo de uma obra publicada em Antuerpia (1640), encontra-se um desenho fiel da Companhia de Jesus. A pag. 33 lê-se o seguinte:

«Os membros da Sociedade de Jesus vivem dispersos em todos os Cantões do Mundo, e divididos em tantas Nações e em tantos Reinos, quantos são os limites da Terra: Porém estas separações são apenas dos logares, não dos sentimentos; são differenças da prática, e não dos effeitos; dissimilhança nas côres, não nos costumes. N'esta familia o mesmo sentem o Latino, e o Grego; o Portuguez, e o Americano; o Irlandez, e o Polaco; o Hespanhol, e o Francez; o Inglez, e o Flamengo. E entre tantos homens de genios diversos não se vê nenhum debate, nenhuma controversia; nada ha, que faça parecer que são muitos em numero. Nada julgam que lhes importe saberem qual foi a sua Patria: Todos teem os mesmos

designios, uma mesma fórma de vida, um mesmo voto, que com um vinculo conjugal os uniu todos. *Ao menor signal um homem só* (o Geral) *volta e revolta a sociedade inteira, e determina a revolução da machina de um tão grande Corpo. Este é facil de mover, mas difficil de abalar.*»

Sendo tão vasta, poderosa e rica a Companhia, perguntarão naturalmente nossos leitores onde está esse grande mundo, onde se agita e move; onde se vê esse que, a um só signal, volta e revolta a sociedade? Quaes são as suas leis? E' permittido a alguma associação ter estatutos e regimentos secretos? Onde existem tantas riquezas accumuladas, e possuidas por uma Companhia que está dividida em tantos *reinos* e *nações*, quantos os limites da terra? As leis do Estado permittem que se lhe soneguem capitaes fabulosos, subtrahidos aos impostos que pagam todos os cidadãos?

Tudo isso é, com effeito, consentido á Companhia de Jesus! Gosa de privilegios tão illimitados, que chegou a tornar-se independente do Estado, formando um segundo Estado no meio das nações que a toleram!..

O papa negro não é subdito de nenhum soberano, a cuja auctoridade se isentou. A Companhia proclamou-o soberano livre e independente dos *reinos* e *nações*, em que se dispersa por todo o mundo. O *geral* dos jesuitas nem o proprio papa de Roma reconhece como seu superior. Ao contrario, elle é que pretende dar leis a Roma, e subordinar o pontifice á sua vontade e direcção.

Por outro lado, o jesuita não se julga subdito de nenhum rei, ou chefe d'Estado. Apenas do seu *geral* recebe leis e ordens; não ha para elle outra auctoridade na terra. Desligou-se para sempre, e de uma

maneira absoluta, da sociedade civil e politica. Renunciou a todos os direitos e deveres de cidadão, inclusivè ao voto politico.

Não exerce cargos politicos, nem civis, nem administrativos, nem publicos, ou do Estado, nem militares. Isentou-se do imposto de sangue, porque não serve nem á sua antiga patria, nem ao Estado. Seu nome foi eliminado de todos os recenseamentos; n'elles não figura nem como elegivel e eleitor, nem como jurado, e nem mesmo como contribuinte! Não tem residencia, porque, na sua qualidade de cosmopolita, anda, dizem elles, por toda a parte do mundo no serviço que lhe destinam seus superiores!

Não é cidadão de nenhum Estado, ou nação, mas subdito sómente do vasto imperio jesuitico. A elle só pertence, está ligado, e presta serviços. Celibatario, não tem familia; cosmopolita, não tem patria.

Ao entrar na seita, renegou o seu paiz natal.

O portuguez que recebeu o habito jesuitico, deixou de ser portuguez. Desde esse momento em diante só deve pensar no bem da Companhia. Se para elle fôr preciso guerrear a patria que abandonou, faz-lhe guerra mortal.

Assim aconteceu, quando aquella Companhia resolveu unir Portugal á Hespanha, para formar d'este paiz dos reis catholicos um poderoso imperio, que fizesse frente ao protestantismo.

Foram os jesuitas que manejaram a politica portugueza n'esse sentido, e atiraram para a Africa o infeliz D. Sebastião, afim de, por esse meio, lhe darem cabo da existencia.

O veneno já tinha feito muitas victimas...

De maneira que o jesuita não cumpre deveres para com a familia, porque a não tem, cortando os laços com os paes e parentes; não cumpre deveres para com a patria, que renegou para sempre, nem

para com a sociedade politica e civil, porque deixou de pertencer a ella, e até ao Estado! Nem mesmo paga impostos!

Vive em palacios principescos, disfructa as maiores grandezas do mundo, passa a vida regaladamente, anda em coches, nada lhe falta para competir com os que possuem as maiores fortunas; e, apesar d'isso, as leis fiscaes consideram-n'o como o mais pobre dos cidadãos! Está isento de contribuições!

Se lhe pedissem pagamento de impostos, abriria seus bolsos e suas arcas, e não se lhe encontraria, com effeito, cinco réis! Individualmente nada possue. Todos os capitaes da poderosa Companhia andam sonegados, e pertencem á communidade exclusivamente. A nenhum jesuita é permittido ter comsigo grande somma de dinheiro. Tudo quanto junta com suas artes e profissões vae para o cofre da seita, o qual se esconde bem, e em sitio que se não possa vêr.

Por este modo a astuta Companhia illude o fisco, e exime-se de pagar impostos ao Estado, cuja auctoridade não reconhece!..

Tambem por esse modo pretende occultar aos crédulos que possue grandes fortunas.

O jesuita vive principalmente da caridade e piedade dos fieis, a quem se apresenta como um *pobre servo do Senhor*.

Não cessa de pedir por todo o mundo esmolas para a seita, e de tirar ricas e valiosas heranças ás familias.

Com as festas de caridade por elle promovidas na Europa como na America, na Africa como na Asia, acodem aos thesouros da Companhia avultadas sommas de dinheiro, que entram depois no cofre central, guardado em sitio occulto e desconhecido, como ignorada e incerta é a residencia do *geral*.

Não teem conta os valiosos saques, em favor da Companhia, que entram diariamente nos Bancos de todo o mundo!

Mas não é isso o mais grave.

Esse Estado, que volta e revolta a sociedade inteira, rege-se por leis e regulamentos, que nem os proprios governos conhecem! Igualmente se ignoram os sitios de reunião dos chefes e principaes da seita, e o que ahi deliberam. Tudo se passa na sombra, e fóra das vistas dos governos e das auctoridades civis e policiaes.

Essa poderosa associação, dispersa por todo o mundo, póde, á vontade, resolver regicidios e attentados contra os chefes d'Estado, planear matanças, promover tumultos, sedições, revoluções, guerras religiosas e civis, sem cahir na alçada dos tribunaes!

Activa-se tão ás occultas, que não é possivel seguil-a nos seus passos, nem descobrir-lhe a pista. Por essa maneira consegue subtrahir-se á responsabilidade dos seus actos e á vigilancia das auctoridades, como consegue subtrahir-se á soberania e ás leis do Estado, a todos os deveres de cidadão e ao pagamento de impostos!

Teve artes de obter direitos sem nenhuns deveres para com o Estado e a sociedade, e bens e beneficios colossaes sem encargos de especie alguma! E, não contente ainda, quiz tornar-se, individual e collectivamente, inviolavel e sagrada, organisando-se por fórma tal, que a não podessem attingir as leis penaes e policiaes dos differentes paizes em que reside!

E accusam o marquez de Pombal por ter expulsado tão vasta e poderosa Companhia, que se havia collocado fóra de todas as leis do reino!..

O jesuita não tem existencia legal como portuguez, porque, segundo suas leis, não pertence a nenhuma nacionalidade. Não se considera portuguez,

nem quer exercer cargos de cidadão portuguez. Não tem existencia legal como estrangeiro, porque o estado jesuitico não está reconhecido e acreditado perante nenhuma nação do mundo. E' membro da igreja catholica? Muito menos. Não está sujeito á auctoridade do papa, nem á dos bispos, nem á dos parochos. Fórma um corpo á parte, distincto e independente. Não póde, portanto, pedir para si os direitos e regalias que foram concedidas á igreja catholica, de que está separado legalmente, e a cujas auctoridades não obedece.

A Companhia nem mesmo se dedica ao exercicio do culto. Sua missão cinge-se ao ensino, para crear fanaticos e inimigos da sociedade actual; a prégar, para excitar nos povos o espirito de rebellião contra o Estado moderno e suas auctoridades; e a dizer missas rendosas para os seus cofres. Nada mais.

Em vista do exposto, essa Companhia não tem direito a ser tolerada, tanto mais, quanto a sua existencia constitue um perigo para as nações.

CAPITULO VI

Ensino jesuitico

A Companhia de Jesus é uma instituição originalissima, unica na terra. Em toda a historia da humanidade não se conhece outra igual.

Não foi creada nem para o bem de Deus e da religião, nem para o da humanidade, mas simplesmente para os interesses da communidade jesuitica. E' este sómente o seu grande ideal, e o unico movel de todos os seus actos.

O jesuita não pensa e trabalha mais do que para augmentar o poderio, riquezas, prosperidades e grandezas da Companhia. N'esse sentido, foi educado e iniciado na seita com processos demorados e cautelosos, de modo a tornal-o instrumento docil do que lhe ordenam seus superiores. D'aqui o espirito sectario que preside a todos os seus actos e obras.

Quando o apoucado e beato D. João III confiou aos jesuitas a organisação dos estudos da Universidade de Coimbra, elles só buscaram fazer obra para a seita. Nada mais.

Com os estatutos de 1598 os jesuitas só cuidaram em trazer ao seu dominio os futuros subditos de Portugal. N'elles nada ha tendente a desenvolver no paiz as sciencias, ou os uteis conhecimentos humanos.

E' vêr a pressa que elles tiveram em banir da Universidade certas cadeiras que lhes contrariavam seus planos de engrandecimento e poderio.

Com seus celebres estatutos, os jesuitas quizeram subordinar a juventude portugueza á corrente de ideias por elles estabelecida em todo o mundo para favorecer os interesses da Companhia.

Basta comparar a ordem de estudos vigente no paiz anteriormente á reforma da Universidade com a que os jesuitas introduziram n'esta mui calculadamente.

Emquanto a primeira divulgou os conhecimentos que levantaram o Portugal do mestre d'Aviz e de D. João II, a segunda procurou fazêl-os esquecer, e converter o paiz em uma nação de servís e escravos, de supersticiosos, ignorantes, crédulos e beatos.

A Universidade de D. Diniz e do Infante D. Henrique creou patriotas e guerreiros como D. Nuno Alvares Pereira, estadistas como João das Regras, chronistas como Fernão Lopes; creou os navegadores que iniciaram e fizeram as primeiras descobertas do mundo, artistas como os que erigiram a Batalha e os Jeronymos, poetas como Gil Vicente, etc.

A Universidade de Coimbra dos jesuitas matou todo esse Portugal que na Historia deixou paginas tão illustres e prestou grandes beneficios á humanidade e á civilisação.

Os nobres portuguezes abandonaram a espada pelo rosario; os navegadores fugiram dos mares para andarem penitentes nas igrejas; os paços reaes fecharam-se aos saraus litterarios e artisticos, domi-

nando n'elles a mais profunda tristeza, e indifferença absoluta pelas sciencias, letras e bellas-artes. Os homens da côrte beata abandonaram esses velhos costumes para se entregarem a rezas, a missas cantadas, a procissões e festas de igreja, a jejuns e penitencias.

O movimento litterario da Renascença desappareceu com o grande poeta Camões, a quem deixaram morrer de fome, porque pretendeu immortalisar o nome de Portugal no proprio momento em que os jesuitas conspiravam contra este, para o unirem á Hespanha, fazendo-o desapparecer para sempre do rol das nações.

A obra do cantor das glorias portuguezas veio contrariar fortemente a dos jesuitas, empenhados na fundação de uma monarchia universal sob o sceptro dos reis catholicos. Por isso os jesuitas moveram grande guerra contra elle, e intrigaram, para o desgraçar.

E não foi só Camões a victima das intrigas jesuiticas, mas todos os que pertenciam ao anterior Portugal, e concorreram para suas grandezas. A todos, os governos protectores dos jesuitas pagaram com negra ingratidão!

O resultado d'essa nefasta revolução, operada pela influencia e ensino dos padres da Companhia, foi o perder Portugal immediatamente suas mais importantes conquistas. Cahiu o imperio que havia fundado no Oriente. Desmoronado este, os jesuitas atiraram para a Africa o moço rei D. Sebastião e o valoroso exercito portuguez, afim de que morressem todos nas mãos dos marroquinos.

A derrota de Alcacerquibir fez desapparecer a nacionalidade portugueza. A Companhia de Jesus consummou a sua obra.

Para esta concorreu poderosamente o seu ensino,

que fez degenerar por completo o caracter nacional, transformando os portuguezes de outr'ora em fanaticos, supersticiosos e beatos, aferrados aos bens espirituaes, como aquelles aos da patria.

Não foi outra a causa do desfallecimento que a nobreza mostrou na defeza do seu paiz natal, ao trabalhar ella propria para a união com a Hespanha. Os jesuitas haviam-n'a convencido de que ella era precisa para debellar os herejes protestantes, que em suas prédicas apresentavam como faccinorosos e depravados inimigos de Deus!

E para a nobreza do paiz já as questões religiosas estavam acima das da patria, ao contrario do que pensou D. João II. Este grande monarcha previu com fina penetração as funestas consequencias da politica que o beato neto dos reis catholicos trouxe a Portugal.

*

Tudo é falso no ensino da Companhia, começando pela philosophia por ella inventada. A escolastica, ainda hoje ensinada nos seus collegios, não passa de uma descarada falsificação da escóla de Aristoteles.

Deturpando a doutrina do grande mestre da antiguidade, os jesuitas engendraram uma philosophia só d'elles, e conducente a orientar a juventude na ordem de ideias que mais favorece o dominio da Companhia sobre as intelligencias e consciencias.

A philosophia escolastica não tem em vista fortalecer a fé catholica. Está mesmo muito afastada das doutrinas evangelicas e christãs. Ella propria dimana do mundo pagão.

Não pretende mais do que entreter a intelligencia com doutrinas especulativas aéreas, subtis e estereis. Não busca instruir, mas perverter o entendimento, acostumando-o ao erro, ao absurdo e a questões va-

sias de sentido. Verdadeiramente reduz-se á dialectica, ou aos syllogismos, com que os padres da Companhia exercitam seus alumnos no sophisma e nas argucias da argumentação, que os habilitem a defender os erros e absurdos que lhes mettem na cabeça.

Os syllogismos jesuiticos não assentam no dogma e na fé religiosa, mas na auctoridade dos mestres da Companhia, como a moral d'esta seita. A escolastica não é uma sciencia filha da revelação, mas simplesmente auctoritaria. Uma coisa é a força do dogma, outra a da auctoridade dos mestres da sciencia, em que se baseia a escolastica.

Segundo seus estatutos, os padres da Companhia não podem nem devem divergir das doutrinas approvadas por seu Geral, nem publicar livros sem a revisão e consentimento d'este. O que para elles tem verdadeira fé, é o que decidem seus superiores.

Se a sua communidade resolvesse crear uma nova religião, abraçal-a-hiam cegamente, renegando da catholica, ou christã.

Diz um artigo de umas Constituições jesuiticas publicadas em 1757, que, se algum membro da Companhia divergir do que está acceite por ella, «deve sujeitar o seu modo de imaginar ao que fôr definido pela Sociedade.» O mesmo ensinam a seus discipulos.

Reginaldo, em sua obra *In Prax foro penit,* sustenta o seguinte: «Basta a um homem ignorante, e a quaesquer discipulos das escólas, para não peccarem, seguirem a opinião do seu Mestre e do seu Doutor.»

Os mestres e doutores d'esses tempos eram os padres da Companhia, que se haviam apoderado de todas as escólas e da educação da juventude.

Para os jesuitas e seus discipulos, a opinião da seita vale mais do que a dos doutores da igreja. E

sómente com a auctoridade d'elles conseguem convencer os discipulos das varias doutrinas escolasticas, destinadas apenas a entreter o entendimento, e não a esclarecêl-o.

A moral derivada d'essa philosophia falsa, falsificada e sectaria, não póde deixar de ser do mesmo genero. Tem em vista relaxar as consciencias, como a escolastica a intelligencia, afim de espargir a corrupção dos costumes, que permitta mais facilmente o dominio da Companhia. Esta comprehende bem a maxima — corromper, para dominar.

*

Tem-se escripto muito sobre as maximas moraes contidas nos infinitos livros publicados pelos mestres e doutores da Companhia. De sobejo estão conhecidas. Apesar d'isso, os paes de familia continuam mandando os filhos para os collegios jesuiticos, em que aprendem as maximas immoraes dos *casos de consciencia*, das *restricções mentaes*, das *probabilidades*, e outras da relaxadora moral casuistica! Se fossem ensinadas nos collegios laicos, o que não diriam d'elles?..

Segundo essa moral, são permittidos todos os vicios e crimes, a mentira e a falsidade, comtanto que se siga a opinião de um mestre. Quer dizer, os jesuitas pretendem manejar á vontade as consciencias, de modo a servirem-se d'ellas como instrumentos, para alcançarem seus fins.

Se desejam um regicida, dizem-lhe que, em certos casos, é licito matar os reis tyrannos; se precisam de testemunhas falsas, convencem-n'as de que não é peccado jurar falso tendo em pensamento a verdade; e se ambicionam que um pae desherde os filhos em beneficio da Companhia, teem artes de o

convencer de que pratica uma boa acção, e ganha o reino do céo, etc.

Moral de seita.

Em certos casos prégam uma moral para si, e outra para o resto dos homens!

Exemplo: Segundo os estatutos da Companhia, constitue o mais grave dos delictos rebellar-se contra a auctoridade do Geral, a quem todos os da seita devem cega obediencia.

Nos livros de moral, por elles publicados, ensina-se aos subditos que teem direito de revoltar-se contra os chefes d'Estado, quando não concordem com os actos d'elles, ou os julguem injustos.

Respeito á auctoridade na Ordem, desobediencia, rebeldia e direito á revolta na sociedade politica e civil!

E' para dirigirem a seu gosto a politica dos Estados, e terem sempre á sua disposição hostes promptas para revoltas, revoluções e guerras civis, quando convenham aos interesses da Companhia.

E, com effeito, assim teem procedido sempre em toda a Europa, por cujo motivo foram expulsos de Portugal, Hespanha e outros paizes.

A moral dos jesuitas não é *una*: varía conforme os casos de consciencia ensinados pelos mestres da seita. Seu unico movel é o interesse; e, segundo ella, todos os meios são legitimos, para se obterem os fins. E' o verdadeiro espelho onde se reflecte bem nitida e distincta a figura da Companhia.

No processo Dreyfus, que passará á Historia, teem os nossos leitores um bom exemplo dos fructos da moral casuistica. Os discipulos e agentes da Companhia não hesitaram em jurar falso, em forjar documentos, em condemnar um innocente, e até em assassinar o advogado da sua victima, o qual, felizmente, escapou! Seus directores espirituaes conven-

ceram-n'os de que tudo isso é permittido segundo a moral por elles ensinada nas suas escólas!

*

Para se conhecer a jurisprudencia sahida d'essa ethica depravada, e que dominou nos tribunaes do reino durante a chamada *santa* Inquisição, basta apontar a maxima defendida por Castro Palao e Casnedi, antigos moralistas e doutores da seita.

Segundo estes, um juiz póde favorecer um amigo, tanto em materia civil, como criminal, deixando a sua propria opinião para seguir a contraria. Concorrendo dois pareceres provaveis, póde julgar umas vezes por um, e outras por outro, comtanto que não dê escandalo.

Póde mesmo fazer perder o processo a quem lhe parecer, abandonando o sentimento mais provavel para seguir o menos provavel.

Tal é uma das maximas do *probabilismo,* sustentada, por exemplo, na *Cris. Theolog* do citado Casnedi.

Por ella se podem avaliar os principios de jurisprudencia em que se basearam as iniquas sentenças que levaram ás fogueiras tantas victimas innocentes. Os magistrados dos tribunaes civis não ficavam atraz dos do *Santo Officio.* E' lêrem-se as sentenças dos *juizes da Inconfidencia*, tendo por auxiliar a *Intendencia geral da policia*, hoje resuscitada em Portugal. E foi essa a jurisprudencia seguida em Rennes no processo Dreyfus.

Pretende a Companhia relaxar todos os laços da sociedade politica e civil, para que, no meio da dissolução geral e das divisões, só ella fique unida e forte.

No ensino da Historia, os padres da Companhia

seguem o mesmo espirito sectario que denunciam todas as Chronicas e obras historicas por elles publicadas. Estão cheias de falsidades e de milagres, para manterem os povos em suas superstições, que dão grandes réditos á Companhia.

N'ellas occulta-se tudo que é contrario a esta, e deturpam-se e occultam-se os factos favoraveis a seus adversarios. Estes são cobertos de opprobrios, e seus nomes diffamados. Quando lhes é preciso, forjam documentos, e até datas, para inverterem os factos e inventarem outros!

D'entre os historiadores da Companhia, sobreleva a todos, na mentira, falsidade, calumnia e exploração da credulidade, o padre Marianna, o primeiro que escreveu uma Historia da Hespanha. O seu descaro chega a ponto de forjar as celebres cartas de Gregorio VII, com o fim de justificar e legitimar os muitos bens possuidos pela igreja e pela Companhia, e as heranças deixadas a esta.

Quando o historiador defende facciosamente a igreja catholica, não tem em vista os interesses d'ella, mas os da sua Companhia, que tem medrado á sombra da religião. Não passa de uma associação mercantil, habilmente organisada para explorar esse sentimento, que rende muito, quando é bem aproveitado.

O padre Marianna falseou toda a historia de Hespanha por fórma tal, que foi preciso que historiadores profanos recomeçassem a obra d'elle, reconstituindo os factos e as datas, apresentando os verdadeiros acontecimentos e levantando o nome dos personagens que aquelle havia diffamado e calumniado, porque, ou se oppozeram ás demasias do clero e da igreja, ou feriram os interesses da Companhia. Lafuente foi o primeiro que tentou essa obra a bem da verdade.

O que se passou com a Historia, escripta e ensinada pelos padres jesuitas, reproduz-se nos sermões por elles prégados. Quando teem que relatar os acontecimentos da historia profana, é quando expõem a seus ouvintes as maiores mentiras no chamado pulpito da verdade!

Basta ouvil-os, por exemplo, justificar as matanças dos protestantes, attribuindo todas as culpas a estes, que pintam a seus ignorantes ouvintes com as côres mais odiosas e repellentes.

O mesmo succede com respeito á Revolução franceza e ao regimen liberal, cujos principios não cessam de adulterar com toda a perfidia, e cujos auctores e personagens importantes todos os dias são diffamados com as calumnias mais audazes.

*

Passando ao ensino das sciencias naturaes, vêl-os-heis empenhados em negar todas as conquistas das sciencias contemporaneas. Declararam guerra sem treguas á archeologia, paleontologia, anthropologia, physiologia, geologia, zoologia, etc., contemporaneas.

Jesuitas de sotaina e de casaca andam na tarefa ingrata de desacreditar todas as descobertas recentemente feitas n'esses campos, as quaes abriram novos horisontes á intelligencia humana.

São mesmo as sciencias contemporaneas, que lançaram jactos de viva luz no mundo, considerado pela igreja e pelos jesuitas como incognoscivel; são mesmo, repetimos, as sciencias contemporaneas o principal alvo dos ataques da presente propaganda politico-religiosa. E' contra ellas que não cessam sua persistente campanha.

Querem impedir, por todos os meios, o avanço das sciencias experimentaes, que descobriram impor-

tantissimas leis que presidem ao mundo da Creação, e que os defensores do dogma e da revelação até hoje teem tido o maximo cuidado de occultar aos homens. Querem oppôr-se a que estes penetrem no chamado incognoscivel. E empenham-se em que a humanidade permaneça em eterna ignorancia das leis naturaes, para que subsistam as reveladas, sobre que assentou a sciencia de ha milhares de annos atraz.

Para conseguirem seus fins, os jesuitas empregam os mesmos sophismas e processos com que soem sustentar suas doutrinas falsas e falsificadas. Ao mesmo tempo que com as rabulices da sua dialectica pretendem tirar importancia ás descobertas scientificas do seculo, calumniam e diffamam seus auctores.

Actualmente os jesuitas buscam lançar o descredito sobre as sciencias contemporaneas, como nos principios do seculo findo conseguiram lançál-o sobre as sciencias do seculo XVIII, por meio de uma activa propaganda religiosa.

A lucta actualmente por elles travada entre a sciencia e a revelação, entre a fé e a razão, tem por unica causa o avanço que n'estes ultimos tempos teem adquirido as sciencias naturaes, e o qual pretendem estorvar por todos os meios.

Os maiores inimigos das theorias de Laplace, Lamarck, Darwin, Haeckel, etc., são exactamente os que sahiram dos collegios jesuiticos.

Todas as obras publicadas pelos padres da Companhia e seus discipulos contra aquellas theorias, são obras de seita.

O edificio jesuitico assenta nas crendices e superstições populares, filhas da ignorancia das leis da Creação, que as sciencias naturaes estão hoje revelando ao homem.

São, portanto, um novo inimigo que a Companhia de Jesus pretende esmagar com suas artes, ra-

bulices e intrigas. Não se empenha n'essa tarefa por amor da sciencia, mas por amor dos seus ricos interesses e lucros.

Os homens instruidos da seita estão, em sua consciencia, de accordo com as modernas doutrinas de sciencias naturaes.

Combatem-n'as por espirito de seita apenas.

CAPITULO VII

Caridade de seita

Censura-se a nós liberaes, porque combatemos umas pobres senhoras, que passam toda a sua vida nos hospicios e casas de caridade, dedicando-se aos enfermos e a levar a instrucção ás creanças desvalidas da sorte. Vejâmos a causa d'isso, e porque nos repugnam institutos, que se dizem de caridade, de beneficencia e de instrucção.

Os dois pólos da reacção politico-religiosa são hoje ensino e caridade.

Já conhecemos, em parte, o que é o ensino das congregações religiosas, que em Portugal, e no recente reinado de D. Miguel, prégaram no pulpito e no confessionario o exterminio dos liberaes. Levaram seu rancor a ponto de envenenar as fontes, para assassinarem á traição os que pelejavam pela causa da liberdade.

Esse ensino revolveu os animos na França actual, semeando n'ella a discordia e as divisões, e provo-

cando a lucta odienta dos partidos, todas as ruins paixões, a desordem e a anarchia em que se ia afundando a terceira republica.

As gerações que sahiram dos collegios jesuiticos e das congregações teem-se, até hoje, caracterisado pela calumnia, pela intriga, pela infamação, pela mentira e falsidade, pelas campanhas de descredito, systematicamente organisadas, e pelos odios e rancores que denunciam as questões do anti-semismo e de Dreyfus, a campanha dos nacionalistas, e ultimamente a emprehendida para infamar o nome do ex-presidente de ministros sr. Combes.

A calumnia, a intriga e a diffamação, eis as suas armas predilectas!

Os escandalos, mentiras, juramentos falsos, subornos, ameaças, falsificação de documentos, tentativas de assassinato, etc., etc. do celebre processo Dreyfus, dão uma prova do caracter dos discipulos de Loyola e das congregações.

O ensino d'estas ia pervertendo por completo o caracter nacional. O mesmo aconteceu em Portugal, depois que n'elle foi introduzido o ensino jesuito no fatal e sinistro reinado de D. João III.

Agora vejâmos o que é caridade exercida pelos discipulos dos mesmos mestres.

Esse nobre e generoso sentimento é tão vasto como a ideia de humanidade. Baseia-se no amor do proximo, e ante elle, como ante Christo, não ha negros, mulatos nem brancos, christãos nem judeus, portuguezes nem hespanhoes, francezes, inglezes, etc.

A piedade verdadeira é a que acode a todos que soffrem e carecem de protecção, sem olhar a quem beneficia e protege. Dar de comer a quem tem fome, e abrigo aos que o não teem, é dever de todas as almas bem formadas. Ante as lagrimas e soffrimentos, a humanidade é uma só. A nós impios tanto nos

commove o infortunio e a dôr do christão como a do judeu, a do nacional como a do estrangeiro. E' esta, crêmos nós, a unica e verdadeira caridade.

E o que fazem as irmãs hospitaleiras e casas de asylo fundadas pelas associações catholicas? Cerram o coração e as portas dos seus estabelecimentos de caridade aos que não são catholicos, ou, sendo-o, não cumprem á risca os preceitos da igreja!

E' isto amor do proximo e piedade pelos que soffrem? Não. Esses asylos são obra de seita, assentam n'uma caridade postiça, e não passam de um meio de se fazer propaganda em pró da reacção politico-religiosa. Pretende-se com elles attrahir os ignorantes, mendigos e miseraveis, que hão de constituir o principal nucleo das novas milicias sagradas, que mais uma vez se estão preparando contra o seculo impio.

Foi tambem com essa massa de gente que, no tempo da Reforma, puzeram em prática as matanças dos protestantes, e que na Vendea pretenderam exterminar os partidarios da Revolução franceza. Com ella mesma intentaram nova matança no reinado de Luiz XVIII, e aqui em Portugal a de todos os liberaes no reinado de D. Miguel.

E' bem evidente que a reacção politico-religiosa projecta levantar mais uma vez a enorme massa de ignorantes e de mendigos contra as classes cultas, em que imperam as ideias modernas e contemporaneas.

Não é outro o pensamento das casas de asylo fundadas sob a inspiração dos jesuitas e por elles dirigidas.

E que qualidade de pessoas exerce n'essas casas não só a caridade, como tambem a missão do ensino? Quem educa as creanças e os asylados a bem servir a patria, a terem virtudes civicas, a serem fu-

turos esposos e esposas, futuros paes e mães? A irmã da caridade, em quem o jesuita incutiu o horror ao mundo, aos homens e á sociedade?

Em virtude d'isso, abandonou pae, mãe, irmãos e parentes, esquecendo-se d'elles para sempre. Educada e fanatisada pelos jesuitas, renunciou a todos os laços que nos prendem á familia, á patria e á humanidade, para pertencer a Deus, e só a Deus. Transportou seu pensamento ás mysticas regiões, ónde vagueia constantemente.

Quando passa ante nossos olhos, parece uma sombra de ente humano. N'ella morreu o sentimento da vida real, transformando-se n'um sêr phantastico. Julga que, pondo-se em contacto com a terra e os homens, fica maculada com as impurezas da carne, que se devem evitar pensando sempre em Deus, e só em Deus.

E é a este ente exotico, a quem despertaram o odio e horror aos homens, que o jesuita encarrega a missão de andar pelo mundo ensinando o amor dos homens com a prática da caridade!..

A mulher que abandonou cruelmente o pae e a mãe, deixando-os inconsolaveis e em pranto, é que vae para os asylos ensinar as creanças a amar e a respeitar seus paes! Ella, que julga o casamento um peccado, ou uma impureza da carne, e o celibato a primeira das virtudes, é que ensina as creanças asyladas a serem futuros esposos!

Tendo perdido por completo o sentimento da familia, tendo desprezado e esquecido os deveres para com esta, e as necessidades do lar, que educação domestica póde dar a suas educandas?

Não tem patria, porque tambem a abandonou e esqueceu; mas encarrega-se, dizem, de ensinar o amor patrio a seus discipulos...

Já vèem os nossos leitores que o ensino das ir-

mãs da caridade é tão falso como o exercicio da caridade.

Uma coisa se apura d'esse ensino: as creanças ahi educadas ficam sómente com uma sólida educação religiosa, e nenhuma com respeito á familia, á patria e á humanidade. D'esses asylos apenas sahem beatos, supersticiosos, intolerantes e adversarios do progresso e das ideias modernas, á feição dos jesuitas.

A irmã da caridade exerce a sua profissão por obediencia, e não por um acto espontaneo de seu coração. Seus directores espirituaes convenceram-n'a de que por este meio salva a sua alma, e é n'esta mira que ella se dedica a seu mister.

E' uma caridade mystica e egoista, como todos os productos da obra jesuitica. Não pratíca um dever para com os homens, que odeia e aborrece, mas para com Deus exclusivamente, cujas graças pretende alcançar.

Nada mais.

Cuida dos enfermos com a mesma obediencia com que os assassinaria, se os seus directores espirituaes assim lh'o ordenassem.

*

Não se deve formar juizo dos asylos e hospitaes, dirigidos e administrados pelas irmãs hospitaleiras, pelos dias de visita e de festa, e pelas noticias e reclamos dos jornaes. Tudo isso é destinado a armar ao effeito, e a illudir e enganar o publico.

Sómente entrando como pobre n'esses estabelecimentos, e sujeitando-se ao seu regimen e trato, se poderá conhecer bem quão falsa e postiça é a caridade ahi exercida.

Peçam todos á boa sorte que os livre da comida

e regimen dos asylos e hospitaes. Só a triste necessidade e o infortunio obrigam um desgraçado a soffrer resignado o que ahi se passa diariamente.

Não ha ninguem que ahi entre, que não sinta logo desejos de fugir.

Um pobre é tratado nos asylos e hospitaes como um ente sem direitos, ou um animal irracional. Sujeitam-n'o ao regimen dos presidios, com que se parecem em tudo os estabelecimentos de beneficencia!

Caritativas são, é certo, as pessoas que deixam legados e donativos para soccorro dos pobres e infelizes. Outro tanto não acontece com os que dirigem e administram as casas de beneficencia. Todos as consideram como um meio de ganhar a vida, incluindo os proprios medicos e enfermeiros.

Fornecedores dos generos, administradores, dispenseiros, cozinheiros, encarregados das compras, etc., etc., todos, salvo honrosas excepções, querem viver á custa d'esses infelizes.

Quando a comida chega aos asylados e enfermos, já vem cerceada e emmagrecida por todos esses parasitas, que vivem dos estabelecimentos de caridade e beneficencia, e d'elles pretendem sacar todos os lucros possiveis.

Ha poucos annos, e em Cadiz, descobriram-se roubos importantes n'um asylo de creanças, que passavam fome e eram maltratadas pelos que as roubavam e exploravam!..

A caridade converte-se, como tudo o mais, em odiosa especulação e exploração. Aproveita mais aos que vivem dos estabelecimentos de beneficencia, do que aos pobres que ahi entram, e que são tratados como sêres inferiores á especie humana.

O pobre é o pária dos tempos actuaes; o rico sente por elle vil desprezo: não o considera um ente igual a si, embora se diga christão. Os que são re-

duzidos á pobreza e miseria por um golpe do azar, vêem-se logo abandonados e desprezados por todos os que os adoraram e adularam quando eram ricos. Tornaram-se entes vis aos olhos dos seus similhantes! Isto passa-se entre povos que professam o christianismo. Os homens são assim.

A caridade em nossos dias é uma mentira, como as palavras fraternidade, igualdade e amor do proximo.

Nunca o egoismo humano assumiu um caracter tão hediondo, como n'este seculo de ganancias e de especulações de todo o genero.

A irmã da caridade, com seu coração duro e empedrenido, sobreleva a todos no egoismo e sentimentos interesseiros. E' educada na moral jesuitica, e tem todos os vicios das ordens mendicantes, a que pertence. Sua missão consiste em explorar a caridade dos fieis.

Como o jesuita, seu mentor, não dá esmolas a ninguem; pelo contrario, imitando os mendigos, anda pedindo por toda a parte, e de porta em porta. Considera-se pertencente aos pobres e beneficiados, e não aos bemfeitores.

Em taes condições, que impulsos generosos se podem esperar de similhantes creaturas?

A sua caridade é tão grande como a dos mendigos de profissão, que imita em tudo.

Os estabelecimentos pios são um meio de vida para essas mulheres, que se dedicam á profissão da caridade. Ahi passam vida farta e regalada, e teem seu futuro garantido. Seus aposentos estão mobilados com luxo, e sua mesa é lauta.

Como os ricos, vivem com maximo conforto e no meio de todas as commodidades.

Ao contrario, as salas de dormitorio e de jantar dos asylados, e as enfermarias dos hospitaes, teem

um aspecto de pobreza tal, que aterra a quem ahi entra pela primeira vez.

Na administração dos asylos e hospitaes a irmã da caridade preoccupa-se mais com as economias a fazer, do que com a sorte do asylado e enfermo. Todo o seu grande cuidado é poupar carnes, pão, vinho, tempêros, lençoes, cobertores, etc., etc.

A comida por ella ministrada é tão magra e mesquinha, se não mais do que a dos asylos e hospitaes laicos.

Da administração das casas de beneficencia as irmãs da caridade sacam todos os proventos, com que vivem á farta. E muitas economias, feitas á custa da comida dos asylados e enfermos, são destinadas á propaganda religiosa, a festas de santos e santas na competente capella, a obras pias e a certos fins da seita jesuitica.

Para as festas de devoção cerceiam a comida dos asylados e enfermos, que passam fome por alguns dias, ou emquanto se não ajunta o dinheiro para os gastos. A administração dá para tudo.

A irmã da caridade trata os asylados e enfermos pobres com a maior severidade e dureza. Não cessa de os ameaçar com castigos, de os reprehender e admoestar. Falla-lhes sempre com mau humor e modos asperos.

A maneira de distribuir as rações é segundo a justiça dos jesuitas. Dão mais comida aos que estão em graça e teem protectores, do que aos que lhes cahem no desagrado por qualquer motivo, principalmente aos que não se mostram mui devotos nas práticas religiosas.

Nos hospitaes, os enfermos com algum dinheiro são tratados com mais consideração, do que os que nada possuem, e d'elles nada se póde sacar. Não cessam de os importunar com donativos para as

velas que se accendem a todas as horas da reza, para obras pias e outras. Nos dias de confissão e communhão, que são muitos, vendem-lhes escapularios, rosarios, estampas, etc., etc. Sacam-lhes do bolso tudo quanto podem. E, para que sejam generosos, tratam-n'os bem.

Os desgraçados que nada possuem, são ahi tratados com o mesmo desprezo e crueldade com que a bordo dos transatlanticos tratam um passageiro pobre de terceira classe, onde o consideram menos do que uma besta, já que não podem explorál-o com proveito. Todos o correm a pontapés: o capitão, o piloto, o commissario principalmente, os criados, os marinheiros, e até os grumetes!

São entes despreziveis, porque não deixam cinco réis a bordo, e com elles a administração e a tripulação nada ganham.

Em os navios da Companhia Ibarra, que fazem carreira no Mediterraneo, os passageiros de terceira classe vão misturados com os porcos e carneiros, e dormem com estes em cima do sobrado, ao relento e á chuva!.. Não são homens: são pobres.

Nos transatlanticos, os que levam comsigo algum dinheiro chegam ao porto do seu destino com os bolsos vasios, porque a administração de bordo emprega todos os meios para lhes tirar a ultima moeda de cobre.

Dá-lhes principalmente pouca e repugnante comida, afim de os obrigar a comprál-a, se não querem passar fome durante a longa viagem. São victimas de verdadeiros assaltos ás algibeiras pelos cafres famintos de bordo, que antecipadamente calculam quanto lhes deve render cada viagem. E lançam-se sobre os passageiros, principalmente de terceira classe, como os salteadores de estrada sobre o viandante. Depennam-n'os.

E' a bordo dos navios no alto mar, nos asylos e hospitaes que melhor se conhece o que é a besta humana para com o seu similhante, e a cruel distincção que nas sociedades actuaes se faz entre o rico e o pobre.

A irmã da caridade, que segue a moral egoista e interesseira da Companhia de Jesus, tem pelo asylado e enfermo pobres o mesmo desprezo que o resto da sociedade. Pertencente a uma ordem mendicante, acostumou-se a adorar os ricos e poderosos, que só lhes podem dar valiosos donativos, objecto de todas as suas preoccupações e cuidados. Quem lhe dá mais, é quem lhe merece mais consideração e carinho. São assim todos os que se dedicam á mendicidade, quer em proveito proprio, quer por conta alheia.

E' preciso, porém, advertir que não censuramos sómente as irmãs da caridade, mas todos os que vivem das casas de caridade, fazendo d'ellas profissão rendosa e explorando-as.

Isso está, infelizmente, na massa do sangue humano, particularmente n'este seculo de torpes ganancias e especulações. O homem é parasita do seu similhante.

Só dando outra organisação e feitio ás casas de beneficencia, se poderão evitar as especulações e explorações que n'ellas se fazem.

CAPITULO VIII

Politica catholica

Parece incrivel que ainda no seculo XX tenhâmos necessidade de mostrar o que pretendem esses que hoje se vêem com apoio da propria seita constitucional, a que votaram odio de morte!

Actualmente é tal a ignorancia da historia, ainda a mais recente, que os filhos dos que derramaram seu generoso sangue para os libertarem do cruel e brutal regimen que experimentaram, estão unidos aos que enforcaram e perseguiram seus proprios paes e avós!..

A politica catholica, que tratam de restaurar em toda a sua plenitude, data do imperio de Constantino e do concilio de Nicea.

Foi aquelle imperador o primeiro chefe d'Estado europeu da antiguidade que envolveu os poderes publicos nas questões de theologia, como se o Estado fosse uma igreja.

Até então, e durante o paganismo, aquelle esteve sempre alheio ás questões do sacerdocio.

Emquanto o concilio de Nicea assenta as primeiras bases do catholicismo contra as seitas schismaticas, Constantino declara este a religião do Estado, e converte em leis politicas, civis e penaes os canones e anathemas do mesmo concilio!

Uma revolução completa nas instituições, usos e costumes da velha Europa.

Desde então por diante, o Estado e a igreja ficaram unidos n'um só corpo, como nas civilisações orientaes, em que se inspiraram os apostolos.

A obra do concilio de Nicea foi uma obra de perseguição e de intolerancia.

Deu-se morte a todos que não quizeram acceitar os dogmas e canones estabelecidos, e foram lançados ao fogo todos os escriptos das seitas dissidentes.

Segundo a estabelecida religião do Estado, todos os vassallos do imperador deviam pensar e crêr como elle.

Os que se recusassem a isso seriam julgados como subditos rebeldes e *levados* ao patibulo.

Assim se iniciou a religião *una* e universal.

No emtanto, a igreja não conseguiu então emancipar-se dos poderes politicos e civis, ou do poder temporal, porque a isso se oppunham as tradições do imperio e da velha Europa. A theocracia era completamente alheia e desconhecida por esta. O poder espiritual ficou subordinado ao poder temporal, e os papas seguiram sendo subditos do imperador. Não era a igreja a protectora do Estado, mas o Estado o protector da igreja.

Foi sómente com a vinda dos barbaros do Norte e sua conversão ao christianismo sob a influencia dos bispos, que estes conseguiram o dominio da igreja sobre o Estado.

Depois que os novos conquistadores da Europa se converteram á fé christã, succedeu o mesmo que

nos primeiros seculos, em que os romanos acceitaram a mesma crença. Crearam-se varias seitas religiosas, porque é um absurdo querer que milhões de intelligencias pensem uniformemente, ou sem discrepancia. Nada mais contrario á natureza do sêr livre e intelligente.

Entre os novos schismaticos contavam-se os proprios bispos. Então os papas empregaram altos esforços para restaurarem o imperio de Constantino no meio dos povos do Norte.

Clodoveo entre os francos e Recaredo entre os godos de Hespanha, tentaram pôr em prática essa obra dos papas.

N'estes dois paizes, devotados ao catholicismo, os bispos começaram a intervir na politica, e adquiriram tanto poder, que chegaram a eleger e a depôr os chefes d'Estado.

Em Hespanha foram mais longe. Os concilios, que até Recaredo, o primeiro rei catholico, só «trataram de assumptos religiosos, depois d'este rei converteram-se em assembleias politicas.»

Pela primeira vez, na Europa, viu-se a igreja assumir a soberania dos estados. Foi esse o primeiro passo para a theocracia.

Os reis godos não só passaram a ser eleitos nos concilios de Toledo, como tambem a ser ungidos e coroados pelos bispos em nome de Deus, como se praticava e se pratica ainda hoje no Oriente!

Foi o catholicismo que introduziu na Europa da Idade-Média o direito divino.

Exercendo já a igreja a soberania politica, era logico que o seu chefe supremo tivesse direitos de soberano. Então os papas obtiveram dos reis francos, seus filhos predilectos, os estados pontificios. Ficou assim installada definitivamente na Europa a theocracia christã!

Não foi, é verdade, obra de facil e prompta realisação; mas a igreja catholica, após grandes esforços, conseguiu alfim realisar, pela primeira vez na Europa, um estado theocratico.

Estava dado o passo mais importante para a completa emancipação do poder espiritual.

Carlos Magno põe em prática o sonho dos papas; restaura-se na Europa o imperio de Constantino, ou uma nova monarchia universal, destinada a manter a unidade da fé contra os que tentassem sahir do gremio catholico.

D'esta vez, porém, a igreja catholica obtem maior triumpho, emancipando-se para sempre da auctoridade dos imperadores, ou do poder temporal.

Desde que, depois da victoria da causa catholica, os bispos e os concilios passaram a exercer a soberania dos estados, e desde que o papa se converteu em soberano politico, era logico que o poder espiritual supplantasse o temporal.

Roma deixou de receber leis dos chefes dos Estados, como no tempo do imperio romano, e pelo contrario foi ella que d'ahi por diante deu as leis aos imperadores e reis.

A politica catholica accentua-se melhor na Hespanha.

O resultado da politica de Recaredo foi a perseguição dos arrianos e de todos os que não pensavam conforme o catholicismo.

Esse rei eleito pelos bispos, e por elles ungido e coroado em nome de Deus, mandou recolher todas as obras arrianas e lançál-as ao fogo!

Como consequencia d'essa politica em pró da unidade da fé, o quinto concilio toledano decretou que se não désse a corôa a ninguem que, antes de ser reconhecido e coroado, não prestasse juramento de não tolerar o judaismo, e de não permittir que

vivesse livremente em seus dominios quem não seguisse a fé christã, isto é, catholica.

Os judeus, no tempo de Sisebuto, foram obrigados a baptisar-se, ou a sahir do reino. Mais tarde foram reduzidos á escravidão, sendo-lhes roubados os filhos, para os educarem na fé catholica!

Essa nefanda e brutal politica deu origem a chamar para as costas da Hespanha a attenção dos africanos, com os quaes se entenderam os judeus perseguidos e vexados. A ella se deve a invasão de Tarik.

Taes os primeiros fructos da oppressora e intolerante politica catholica.

O imperio de Carlos Magno, destinado a manter a religião catholica, ou a igreja *una* e universal, cahiu, por ser isto uma verdadeira utopia no continente europeu.

As monarchias universaes são proprias só do Oriente.

Com o desmoronamento do novo imperio christão, a Europa cahiu no regimen feudal. Foram as consequencias d'essa tentativa imprudente e tão fóra de tempo.

Os proprios bispos converteram-se em senhores feudaes de suas dioceses, não reconhecendo tambem nenhuma auctoridade acima d'elles. Proclamaram-se soberanos absolutos dos fieis!

Em virtude d'isso, foram desconhecidas a auctoridade real pelos nobres e vassallos poderosos, e a auctoridade dos papas pelos bispos e o alto clero.

A oppressão e os vexames dos senhores feudaes, tanto seculares como ecclesiasticos, sublevaram o terceiro estado. Começou o movimento das communas e cidades.

E' preciso que digâmos que a resistencia dos povos contra as extorsões dos senhores, data de antes

das Cruzadas. Com o movimento communal iniciaram-se os principios da futura Revolução franceza.

O papa Gregorio VII pensou em recuperar o antigo poderio da igreja, resuscitando os tempos de Constantino e de Carlos Magno. Para interessar novamente os povos nas antigas questões religiosas, então esquecidas e abandonadas, planeou as Cruzadas, que seu successor pôz em prática.

Os padres e monges ao serviço de Roma, principiaram a excitar em seus sermões o odio dos christãos contra os musulmanos.

Levantaram-se as primeiras levas de fanaticos, que, armados, correram a libertar os santos sepulchros da presença dos impios sectarios de Mafoma.

Estava incendiada em toda a Europa a guerra religiosa, planeada habilmente por Gregorio VII, depois de haver abolido o feudalismo na igreja, subordinando o alto e baixo clero á sua unica auctoridade. Com as Cruzadas pensou em subordinar tambem a esta todos os estados christãos. D'aqui as doutrinas theocraticas por elle e seus successores sustentadas.

Queria Gregorio VII que os reis da Europa, á imitação de Clodoveo, Pepino e Carlos Magno em França, e de Recaredo e Sisebuto em Hespanha, fossem eleitos pela igreja, ou pelo papa, em nome de Deus.

Com effeito, depois que as Cruzadas fizeram triumphar os principios ultramontanos de Gregorio VII e Innocencio III, os papas conseguiram pôr e dispôr de todas as corôas europeias.

Eram consequencias legitimas do direito divino, da total emancipação do poder espiritual e da fundação dos estados pontificios, ou da theocracia christã, que deu direitos politicos, ou soberanos, ao chefe supremo da igreja.

Os reis, impostos pelos papas, adoptaram a antiga politica dos primeiros reis catholicos de França e Hespanha.

O Estado e a igreja constituiram de novo um só corpo com uma só alma: a religião.

E manter a unidade da fé, foi o primeiro e mais importante dever d'esses reis, eleitos, ungidos e coroados pelos papas, ou pelos bispos, seus delegados. Todos se arvoraram em fanaticos protectores da igreja, dos seus bens, direitos e privilegios.

Para elles, o prodigalisarem-se favores á mesma igreja, era como ganhar as graças de Deus, a quem deviam sua corôa, e com as quaes sómente julgavam que seus estados floresciam e prosperavam.

Nada mais era preciso. Deus faria o milagre, tornando os povos felizes.

Depois que os papas, como soberanos politicos de toda a christandade e chefes do poder espiritual independente, conseguiram investir os reis e principes da soberania politica, a igreja ficou até hoje com o vicio de querer intervir na politica de todos os estados. Persiste em não querer abdicar d'esse direito, nem subordinar-se ao poder temporal, que tutelou por espaço de muitos seculos.

Jámais tolerará a sua emancipação.

Ao mesmo tempo que o catholicismo obtinha tantos triumphos e conquistas, o terceiro estado continuava em sua obra de liberdade, que seguia rumo opposto ao que os papas pretenderam abrir com as Cruzadas. Estas mesmas, arruinando os senhores feudaes, favoreceram o movimento das communas.

O terceiro estado proclamou a soberania popular, emquanto a igreja proclamava o direito divino; e proclamou o regimen das Côrtes, emquanto a igreja se esforçava para novamente concentrar na auctoridade real todos os poderes do Estado.

D'esse importante movimento popular sahiram os legistas e livres pensadores da Idade-Média; e d'estes, as novas seitas schismaticas. A obra do terceiro estado contrariava assim a dos papas. Estes resolveram então dar cabo d'ella.

Os reis catholicos, sob a inspiração de Roma, depois de abaterem o poder dos senhores feudaes, voltaram suas armas triumphantes contra o povo, que os havia auxiliado na lucta contra aquelles. Por toda a parte aboliram as communas, os municipios e as Côrtes, proclamando o regimen absoluto, que era o unico compativel com a politica catholica, dogmatica, auctoritaria e desciplinaria.

Uniformisada a politica e administração com a concentração dos poderes nas mãos do rei, senhor absoluto das vidas e fortunas dos vassallos, restava uniformisar o mundo da intelligencia e da consciencia. Para isso, os reis catholicos introduziram a Inquisição com o cortejo funebre e sinistro de todas as leis e medidas auxiliares de tão execrando tribunal.

Depois os jesuitas fundaram a sua seita, destinada ao ensino catholico. Os reis entregaram-lhes immediatamente as escólas. Sómente a elles e ás congregações religiosas foi permittido o ensino, tanto publico como particular.

Foram prohibidos os livros condemnados pela igreja, e lançados nos indices expurgatorios.

Inquisição, jesuitas e congregações religiosas, multiplicadas ao infinito, entraram a trabalhar activamente para manterem a unidade da fé sobre que deviam assentar as monarchias catholicas.

Não é preciso recordar o muito sangue derramado por causa d'essa unidade politica e religiosa, em que se empenharam os reis, tornados absolutos. Foi a causa principal da ruina e decadencia das nações latinas.

Estabelecido o absolutismo n'estas nações, os papas quizeram fundar uma nova monarchia universal, ultima palavra da sua obra, na impossibilidade da theocracia, que era o mais logico.

Um só Deus, uma só igreja, um só papa, um só estado, e um monarcha só, subordinado ao poder espiritual e n'elle inspirado.

Essa monarchia não se realisou, por causa das rivalidades da França, Austria e Hespanha, querendo cada qual satisfazer os desejos dos papas.

Carlos V, Filippe II, Luiz XIV e Fernando II de Austria aspiraram a reunir todos os povos da christandade sob seus sceptros. E isso para destruirem o judaismo, o protestantismo e todos os adversarios da fé catholica.

A rivalidade d'estas tres potencias, querendo cada qual proferir a ultima palavra da politica catholica, deu origem a guerras interminaveis, em que a Europa se viu envolvida durante mais de um seculo.

Foi para que os reis de Hespanha tivessem a gloria d'essa obra, que Portugal foi unido á sua visinha!

Os nobres portuguezes, educados e fanatisados pelos jesuitas, consentiram na anniquilação da sua patria!

Foi a bem da igreja, e para salvação de suas almas...

O protestantismo triumphou nos estados do norte da Europa; mas a politica catholica exacerbou-se nos estados do Meio-dia. N'elles praticaram-se horrores contra a liberdade de pensamento e de consciencia.

Aqui em Portugal servem de exemplo os sangrentos reinados de D. Maria I, D. João VI e D. Miguel, que acabaram de envilecer, arruinar e abater a nação.

Foi contra esse passado nefasto que se fez a Revolução franceza, e se inaugurou o regimen liberal. E agora, passado um seculo d'este regimen, ainda se pretende resuscitar a politica catholica com mais outra activa propaganda religiosa!

E' simplesmente assombroso!

CAPITULO IX

Associações catholicas

As associações catholicas datam, por assim dizer, do momento historico em que se instituiu a Inquisição, com o fim de obstar a que sahissem fieis do gremio da igreja. São irmãs gemeas, ou filhas do mesmo sangue.

Tanto os papas, como os reis mais catholicos, empenharam-se então em manter a unidade da fé contra as seitas schismaticas. Tornou-se este o pensamento dominante da politica europeia. As questões religiosas continuaram a ser a principal preoccupação dos estadistas, como se d'ellas sós dependesse a felicidade dos povos!

E assim, os bens terrestres foram abandonados pelos bens espirituaes, e o mundo real pelo mundo mystico.

Afim de auxiliarem a Inquisição e os poderes publicos, fundaram-se associações particulares, que organisaram milicias sagradas em defeza da fé.

Estas milicias iniciaram suas cruzadas com a cruel matança dos albigenses.

Quanto mais esforços empregavam os papas, os concilios e os reis, para acabarem com as divergencias entre christãos, mais cresciam ellas; até que rebentou o grave movimento do protestantismo.

Os papas, os concilios, os poderes publicos e a Inquisição redobraram de esforços para anniquilarem á nascença esse movimento, que ameaçava ir longe.

Foi então que as associações catholicas entraram definitivamente em campo, e no periodo da sua maior actividade. Organisaram suas milicias, formaram conciliabulos em que planearam nova cruzada, conspiraram na sombra, e em a noite de S. Bartholomeu sahiram á rua armados da cruz e do punhal, dando começo á matança dos protestantes.

A politica do cardeal Richelieu foi inspirada por essas associações, em que estavam filiados principes e grandes potentados da nobreza de França.

As Dragonadas, no tempo de Luiz XIV, foram tambem inspiradas por ellas.

A lucta religiosa terminou com a victoria do partido da Reforma. A politica catholica recebeu profundo golpe. A Inquisição foi enfreada nos seus impetos sanguinarios, os poderes publicos cançaram na lucta, e as associações catholicas não tiveram mais remedio que depôr as armas.

A' Reforma seguiu-se o movimento philosophico e scientifico do seculo XVIII, que abalou profundamente o regimen absoluto, sobre que se firmou por muitos seculos o mundo catholico.

A grande revolução operada no pensamento e na consciencia humana deu origem á Revolução franceza, que abriu nova época na Historia. Data d'ella o inicio da Historia contemporanea.

Esse transcendental movimento não é mais do que a affirmação das doutrinas dos livres pensadores da Idade-Média, dos reformados e dos encyclopedistas. E' um energico protesto contra a obra da Inquisição, dos papas, dos concilios e dos reis catholicos, ao quererem impedir que os vassallos pensassem de differente modo que a igreja, seus dogmas e preceitos.

Ante esse acontecimento, que produziu enorme commoção na Europa e America, todas as grandes potencias do passado catholico se uniram contra elle, ou para o estorvarem.

Em volta do Vaticano congregaram-se todas as corôas europeias; e d'ahi partiu o grito de guerra contra a maldita Revolução franceza.

Todos os gabinetes, unidos ao papa, aos jesuitas, ao clero e aos nobres, declararam guerra de exterminio á França e aos revolucionarios. Organisaram contra elles a mesma cruzada e propaganda que organisaram contra os protestantes. Mais uma vez surgiram as associações catholicas, para ajudarem os poderes publicos na obra de reacção.

Em nome d'esta, os exercitos alliados invadem a França. O duque de Brunswick declara em seu manifesto que não deixará com vida um só revolucionario.

As associações catholicas renovam na Vendea as carnificinas dos albigenses, da noite de S. Bartholomeu e das Dragonadas.

Ao mesmo tempo iniciam uma activa propaganda nos campos das sciencias, das letras e das bellas-artes, em favor da religião e contra a impia Revolução franceza.

O ambicioso consul Bonaparte auxilia essa propaganda, porque havia decidido voltar ao antigo regimen, ou systema monarchico, que ella favorecia.

Conseguido o retrocesso das ideias, era facil retroceder em politica, e mesmo era sua ultima palavra. Mas os papas, os jesuitas, o clero, os nobres e as associações catholicas breve reconheceram que Napoleão I, o revolucionario e voltairiano, auxiliára a propaganda religiosa mais para engrandecimento proprio, do que por convicção. Então resolveram conspirar contra elle, e a favor da restauração dos Bourbons. Esta, que era a conclusão logica da propaganda em pró da religião contra a Revolução, realisou-se em occasião propria e opportuna.

Collocado no throno Luiz XVIII, dá logo as mãos ao partido reaccionario, e intenta fazer voltar a França aos tempos do throno e do altar.

As associações catholicas, vendo-se apoiadas pelos poderes publicos, armam-se, alistam suas milicias, e sahem á rua, dando morte aos defensores da Revolução e da liberdade, aos protestantes e livres pensadores!

E quando Luiz XVIII, seu rei querido, deu cabo da revolução liberal em Portugal e Hespanha, as mesmas associações encetaram n'estes dois paizes as matanças systematicas de todos os liberaes e pedreiros livres.

Ao lado d'essas associações collocaram-se as congregações religiosas, suas irmãs, fazendo-se todos os dias nos conventos *autos de fé* da Constituição de 1820, e prégando-se n'elles a matança e a caça de todos os liberaes.

Em Portugal e Hespanha fizeram uma verdadeira hecatombe de liberaes por espaço de muitos annos consecutivos, e emquanto não foram vencidos pelos constitucionaes.

Taes são os dois inimigos, agora protegidos pelos proprios constitucionaes, que de novo apparecem en-

tre nós, fazendo activa e audaz propaganda contra as ideias do seculo!

Estão com sêde de novas matanças, que haveriam posto em prática na França, se porventura conseguissem a victoria na questão Dreyfus.

Já tinham as armas carregadas, e suas hostes promptas para a primeira voz.

CAPITULO X

Identificação da sociedade com a igreja

Desde o momento em que o poder espiritual se emancipou do temporal, para o tutelar immediatamente, como vimos, era fatal que a christandade se convertesse em uma theocracia, se não de direito, pelo menos de facto.

Foi o que aconteceu, depois que as Cruzadas tornaram Roma o centro de gravidade de todo o mundo christão. A politica de todos os estados europeus foi d'ahi por diante dirigida e inspirada pelos papas. Estes, na sua qualidade de chefes theocraticos, ou dos estados pontificios, não podiam deixar de impôr a religião como a lei suprema do Estado. Foi esta a politica adoptada por todos os reis eleitos pelos papas, e por estes, ou pelos bispos, sagrados e coroados em nome de Deus.

O terceiro estado ainda podia reagir contra essa obra dos chefes supremos da igreja; mas os povos deixaram-se fanatisar pelas Cruzadas, e pelas prédicas e sermões. As primeiras favoreceram o movimento communal e municipal apenas accidentalmente.

Virtualmente eram contra elle, que foi, como dissemos, o inicio da futura Revolução franceza, tão condemnada pelos papas. N'essas Cruzadas estava a ruina da obra do terceiro estado.

Mais tarde o povo foi entregue pelos reis ao ensino jesuitico, para eliminar n'elle o sentimento de liberdade e de independencia, ou convertêl-o em escravo submisso. Os jesuitas conseguiram, na verdade, dominar-lhe a intelligencia e a consciencia com o dogma e o principio da auctoridade.

Quando os reis se proclamaram absolutos em nome do direito divino, os povos não lhes offereceram resistencia. Já se haviam convencido da doutrina, ensinada pela igreja e pelos jesuitas, de que os reis haviam sido instituidos por Deus para os governarem segundo suas soberanas vontades. E' a doutrina, nada mais, nada menos, da theocracia.

As monarchias divinas da Europa imitaram em tudo as do Oriente, em que os reis foram considerados como os proprios deuses, ou como seus vigarios na terra.

As monarchias universaes do Oriente identificaram o Estado com a religião. Era consequencia do direito divino, que assistia aos reis divinos, ou delegados, na terra, do divino poder, a que os imperios estavam sujeitos.

A theocracia fundada pelos papas inspira-se toda na de Moysés. Segundo esta, era Jehovah quem assistia ao governo do povo eleito. As leis politicas, civis, administrativas, fiscaes e penaes deviam subordinar-se ás reveladas no monte Sinai, isto é, ás leis divinas ou referentes á religião. Por estas se devia regular toda a sociedade e o viver dos filhos de Israel.

As leis politicas e civis deviam ser feitas de fórma tal, que Jehovah estivesse sempre presente a todos os actos do homem, quer individualmente, quer como

membro de familia, e quer, na vida collectiva, como membro do Estado e da sociedade. Elle a tudo assistia, tudo determinava em sua alta sabedoria; nada succedia, senão por vontade d'elle.

Eis a doutrina que os papas introdúziram na Europa com as monarchias divinas por elles instituidas. Os novos estados europeus deviam subordinar-se ás vontades de Deus, que assiste a tudo, como o estado hebraico ás de Jehovah.

Urgia conformar as leis politicas, civis e penaes com essas vontades supremas, de que só a igreja está possuidora. Para isso o Estado não podia deixar de identificar-se com a religião, e marchar sempre em harmonia com a igreja. Assim procederam os reis catholicos, depois que se proclamaram absolutos. Carlos V quiz ser o executor dos canones e anathemas do concilio de Trento, como Constantino o foi dos do concilio de Nicea.

Emquanto — coisa notavel! — esses reis afastaram e desinteressaram por completo seus vassallos dos negocios publicos, ou do Estado, prenderam-n'os, ao contrario, fortemente á igreja, e buscaram interessal-os por tudo quanto se referia a assumptos religiosos! Tinham de cór o Breviario e o *Flos Sanctorum,* e bem assim os dias de festa da igreja.

Estavam entregues ao padre, desde que nasciam até que morriam. Ao virem ao mundo, o primeiro acto que consagrava sua vida collectiva era a sua entrada na igreja, ou o baptismo, e não a sua entrada na familia e na sociedade civil. A primeira coisa que o vassallo aprendia, era a doutrina christã, ou catholica, e não o catecismo civil, em que nunca se pensou. A entrada do homem na sua puberdade era celebrada com a festa da communhão apenas. Ao chegar á mocidade, e ao constituir nova familia, era este um acto exclusivamente religioso. Só a igreja

sanccionava e legitimava o contracto de casamento. A sociedade e as auctoridades civis nada tinham com isso! Na hora da morte, era o padre que recebia as ultimas palavras e disposições dos vassallos. Um testamento era um acto mais religioso que civil.

Os cadaveres enterravam-se nos cemiterios, propriedade exclusiva da igreja. Só o parocho dava ahi leis; nenhum cadaver entrava n'elles sem consentimento da auctoridade ecclesiastica. Não se dava sepultura aos não catholicos! Os vassallos pertenciam á igreja, tanto n'esta, como na outra vida.

A familia regulava-se pelo direito canonico, e as questões a ella referentes eram resolvidas nos tribunaes ecclesiasticos. Todos os registos estavam na mão dos parochos, e só estes eram competentes para passarem attestados de bom comportamento moral, politico e civil, de todos os cidadãos. Ninguem podia entrar nos cargos publicos e gosar de direitos politicos e civis, sem primeiro mostrar que sabia cumprir á risca todos os preceitos da igreja catholica.

As escólas tornaram-se privilegio exclusivo do clero, ou da igreja. N'ellas, o que verdadeiramente se aprendia era a doutrina christã e a historia sagrada. Sabido isso, estava o homem habilitado para ser bom cidadão. Nada mais era preciso, nem mesmo a historia patria. Para que? O essencial e importante era que soubesse cumprir os deveres para com Deus e a igreja.

Os hospitaes, misericordias e casas de asylo eram igualmente instituições religiosas, em que o clero era ouvido e dava as leis. Urgia mostrar que a beneficencia e a caridade se exerciam em nome de Deus, a quem os beneficiados deviam dar as graças, e de quem se deviam lembrar. Ahi não se admittiam estrangeiros, nem os que não professavam o culto catholico. O enfermo, ou asylado, que recusasse con-

fessar-se, ir á missa, etc., era denunciado ao *Santo Officio*. Os contractos civis começavam: «Em nome de Deus. Amen.»

Os actos da soberania politica, exercida só pelo rei, eram revestidos de ceremonias e solemnidades religiosas, para que emanassem da auctoridade divina, ou da igreja. Os actos da vida regulavam-se pelas horas canonicas, e o direito canonico supplantou o civil, como a historia sagrada a profana.

Os vassallos, emquanto olhavam com inteira indifferença para os negocios publicos, tomavam a peito tudo o que se referia á igreja. Abandonaram as festas patrioticas e nacionaes, pelas dos santos e santas, pelas missas cantadas, pelos sermões e procissões, etc. Não pensavam n'outra coisa. Era tudo isso o que verdadeiramente constituia o viver das familias, das cidades, villas e aldeias, e os costumes nacionaes completamente identificados com a igreja.

As sciencias eram forçadas a conformar-se com a Biblia, e a theologia tornou-se a sciencia mãe de todas as sciencias. Muitos sabios foram parar aos carceres e fogueiras da Inquisição, por terem feito affirmativas contrarias a ella e á Biblia.

Os poetas foram tambem mettidos dentro do campo estreito e apertado do mundo da revelação. Suas inspirações deviam conformar-se com as Escripturas e doutrinas catholicas.

E por essa fórma, todos os actos e manifestações do homem não emanavam da consciencia d'elle, mas do mundo exterior da revelação, de que o tornaram instrumento passivo, como na theocracia hebraica. A individualidade humana ficou annullada ante as vontades divinas, reveladas á igreja. Pesou sobre ella a fatalidade budhista.

Tudo se petrificou nas verdades reveladas, eternas, absolutas e immutaveis.

Até a propria terra foi absorvida pela igreja, tornando-se quasi toda propriedade de Deus, tambem como na theocracia hebraica! Igualmente se immobilisou, como as sciencias, as letras, o commercio, as industrias, etc., etc. E' a ultima consequencia do regimen theocratico. Toda a vez que os povos se deixam subjugar e dominar pelo sentimento religioso, estacionam. Foi o que aconteceu, e acontece actualmente no Oriente.

Tudo se abandona pelos bens da outra vida, em que sómente se pensa sériamente e com verdadeiro interesse. Tanto as theocracias, como as divinas monarchias orientaes, estacionaram. Isto mesmo as caracterisa.

A politica catholica, querendo não só identificar o temporal com o espiritual, mas tambem uniformisar a politica, a administração, as leis, as sciencias, as letras e as bellas-artes com a doutrina catholica, paralysou a vida de todas as nações.

Como natural reacção a essa obra disforme e contraria ás leis humanas e terrestres, veio a Reforma; depois d'esta, o movimento philosophico e scientifico do seculo XVIII; e depois d'este, a Revolução franceza. Esta abriu um novo mundo á Europa e America. E' o mundo da razão, da sciencia, do progresso e da liberdade, em que desejaram entrar nossos avós e paes, ao derramarem seu sangue, para implantarem o novo regimem politico. A este se deve o progresso das sciencias, das industrias, do commercio, da agricultura, da navegação, etc. dos nossos dias. E' n'elle que devemos proseguir, e não retrogradar a esses ruinosos tempos passados, contra os quaes se pelejou nas linhas do Porto.

CAPITULO XI

A igreja catholica e o seculo

Quando olhamos para a igreja catholica, vêmol-a quasi sumida na escuridão dos tempos, que distam de nós tantos seculos. Desde que ella assentou em suas bases até hoje, tudo tem mudado na terra: montanhas, rios, lagos, a flora e a fauna, e com esta a humanidade.

Desappareceram imperios, cidades, povos e raças, e varias civilisações, para darem logar a outras novas.

Só a igreja catholica quiz ficar atraz, e immutavel!

Tudo na terra se transforma e evoluciona: a materia e os sêres dos reinos vegetal e animal. N'ella, nada é estavel, porque a vida consiste na instabilidade das forças. Estas não se equilibram senão momentaneamente.

O proprio sol, o astro gigante, emanação da vida terrestre e planetaria, obedece á mesma lei. Não é

hoje o que foi ha mil seculos. Tambem muda, evoluciona. E' que vae n'esse movimento omnipotente, que arrasta comsigo a propria materia cosmica, de que os mundos são constituidos.

As nebulosas, cometas, soes e planetas não são mais do que infinitos estados por que vae passando essa materia através da immensidade dos tempos. A terra, misero e mesquinho pó d'ella, não podia isentar-se ás principaes leis que a dominam.

Já lá vão os tempos em que se cria que o nosso, por assim dizer, microscopico planeta foi a obra predilecta de Deus.

As religiões da antiguidade, que se julgaram, como a catholica, eternas e immutaveis, soffreram a acção d'essa universal lei transformadora. Se não fosse ella, não existiria hoje o christianismo.

Segundo esta religião, o proprio Deus reconheceu a necessidade de reformar as leis por elle reveladas ao povo de Israel. O Velho Testamento foi substituido pelo Novo. Apesar de tudo isso, o catholicismo persiste em não querer acompanhar as transformações successivas que se operam nos mundos cosmicos, na face da terra, em todos os sêres que a povoam, e na humanidade!

Que resulta? O estar divorciada e afastada muitos seculos dos povos actuaes. Pensa, falla e procede, como nos seus tempos longiquos, que passaram á Historia, e não voltam mais. Quer que a ouçam e comprehendam as gerações actuaes, que, pelas fataes leis do progresso, teem um pensar e ideias differentes das que dominaram nos tempos de Constantino, de Clodoveo, de Carlos Magno, das Cruzadas e do concilio de Trento.

Se os homens de hoje differem na maneira de vêr as coisas, nos habitos e costumes, dos que viveram no reinado de D. Maria II, como querem que

elles se identifiquem com os que viveram na Idade-Média?

Quem, ha trinta ou quarenta annos, não visse as cidades de Lisboa e Porto, não as conheceria hoje. Tudo n'ellas tem mudado, tudo se transformou. Isto aconteceu n'um curto periodo da Historia.

As esphinges do Egypto, que enthusiasmaram os homens da sua época, hoje não passam de producções exoticas, em cujo sentido não penetram as gerações presentes. Se podessem fallar, os egypcios actuaes não as comprehenderiam. Pertencem a outras épocas, a outras civilisações.

A igreja *una* e universal afigura-se-nos como uma colossal esphinge dos tempos passados, para a qual olhamos, sim, com admiração, mas já sem comprehendermos o seu pensamento.

E' isto o que a igreja catholica não quer reconhecer.

E porque, segundo a evolução natural do espirito humano, as doutrinas prégadas pela mesma igreja, ha muitos seculos, não podem calar no animo das gerações actuaes, aquella revolta-se contra estas, e lança-lhes o anathema!

Que culpa teem de que fossem impellidas por essa lei universal, que tudo transforma?

A igreja catholica insiste na ideia de que tem poderes para dominar e até anniquilar o espirito progressivo da humanidade. Para o alcançar, tem empregado a excommunhão e meios violentos.

Assim procedeu com os schismaticos; mas as seitas schismaticas só momentaneamente desappareciam. De repente recrudesciam com mais vigor. Com os mesmos processos tentou abafar a Reforma; e esta triumphou. Quiz oppôr-se ao movimento philosophico e scientifico do seculo XVIII; e foi impotente. Uniu-se a todos os gabinetes da Europa, para

dar batalha decisiva á Revolução franceza; esta sahiu-se victoriosa, e todas as nações europeias adoptaram seus principios.

Até hoje teem sido frustradas todas as tentativas d'ella para deter a marcha fatal da humanidade. O mundo segue, avançando e evolucionando. A reacção, que a igreja catholica quer oppôr-lhe, só produz effeito contrario. Não o querendo acompanhar, arrisca-se a provocar novo schisma.

E' o que a ameaça na America. Desejou fazer proselytos em o novo continente, e n'elle creou um catholicismo americano, á moderna e liberal. Em breve tempo a igreja catholica da America se separará da da Europa, se esta se recusa a amoldar-se ao seculo e transigir com elle.

Na Allemanha e Italia observam-se já as mesmas tendencias separatistas.

Mas não é isso o que nos preoccupa. A igreja do apostolado catholico procede como entende, e nada temos com isso.

Está no pleno direito de estabelecer seus dogmas e as regras do seu culto. O catholicismo deve ser respeitado na crença em esses dogmas da sua igreja.

Outro tanto não acontece com a chamada igreja militante, destinada a manter por meio das armas, e outros meios violentos, a religião *una* e universal.

Para ella, o caso muda de figura. Seu campo de actividade não é o do apostolado pacifico das ideias, mas dentro da sociedade politica e civil, que não quer largar de suas mãos. Desde sua origem, essa igreja exigiu ao Estado que sanccionasse os canones e anathemas dos concilios. Não se contentou com o fulminar seus contrarios com as penas eternas: julgou que estas, por si sós, não bastavam. No conceito d'ella, as leis humanas são mais poderosas do que as divinas!..

Primeiro conseguiu identificar o Estado, ou a sociedade politica e civil, com a igreja, depois que esta supplantasse aquelle. Desde então até hoje tem envolvido a sociedade politica e a civil nas questões religiosas, querendo que estas prevaleçam sobre as d'aquellas.

Em virtude d'isso, os reis catholicos consentiram nas exterminadoras fogueiras da Inquisição, estabeleceram leis oppressoras, privaram dos direitos civis e politicos aquelles que se afastaram do gremio catholico, e até lhes confiscaram os bens.

Segundo pensa a igreja militante, Deus confioulhe a missão de manter por todos os meios a unidade da fé christã. Julga um dever sagrado combater contra todos que, por qualquer maneira, possam derruir o edificio catholico, ou a igreja *una* e universal.

São inimigos de Deus, que lhe cumpre eliminar da sociedade.

Eis o que ainda hoje pretende pôr em execução! Para isso, e quando deu as leis aos estados europeus, sujeitou-os ao terrivel tribunal do *Santo Officio*. Os inquisidores-móres eram os *generalissimos* dos padres combatentes. Actualmente é o *geral* dos jesuitas, ou o papa negro, quem os commanda.

Encarrega-se esse corpo militante da igreja catholica de estudar e pôr em prática todos os meios de combate contra os que não querem conformar-se com o que está decretado pelos concilios.

Não devem ser tolerados cultos não christãos, nem as igrejas christãs que se separaram do catholicismo. Cumpre ao Estado catholico exterminál-as, e bem assim retirar os direitos civis e politicos aos cidadãos impios, que adoptem esses cultos condemnados pela igreja catholica. Estão fóra da lei de Deus, e, portanto, da dos homens!

Judeus, protestantes, mahometanos, livres pensadores, todos para a fogueira!

E' esta a igreja que não póde ser tolerada no seculo actual, em que se proclamou a liberdade de cultos e de pensamento. Essa igreja, contrariando o espirito moderno, quer fazer retrogradar a humanidade aos tempos do absolutismo, que, para manter a unidade da fé e da igreja, praticou numerosas violencias e desatinos.

E' contra essa igreja militante, sanguinaria, intolerante e perseguidora, e contra suas numerosas hostes auxiliares, alistadas nas classes civis, que os homens do seculo, da sciencia e do progresso, os liberaes e livres pensadores, precisam de dar batalha em fórma.

Urge unirem-se todos, e arremetter com impeto contra esse grande exercito de sotainas, de fardas, de casacas, fraques, blusas, e até de saias, que o *generalissimo* da igreja militante pôz em campo contra o seculo e suas conquistas. Emquanto não fôr vencido e desbaratado por completo, nunca os povos terão paz.

A missão d'elle é provocar revoltas, guerras civis e religiosas, planear e executar matanças, etc., etc. Emquanto elle existir forte e poderoso, estaremos sempre ameaçados em nossas vidas, fazendas e direitos.

Se a igreja do apostolado não quer separar-se da militante, forcêmol-a a isso. A primeira é digna de respeito; a segunda não, nem póde ser tolerada para nenhuma religião.

Não tem direito de organisar associações de malfeitores e de discolos, que até fazem gala de não respeitar as leis do Estado!

E' a unica igreja na Europa que está em guerra aberta com este e a sociedade, offerecendo o selva-

gem espectaculo de revoltas populares, de guerras civis e internacionaes, de perseguições e de planos sanguinarios, como os que pretendem executar actualmente suas numerosas hostes, dispersas por todo o mundo.

Para a paz europeia, urge que a igreja de Roma abdique da utopia de uma só e universal crença religiosa. Para isso se conseguir actualmente, seria preciso anniquilar a Russia e mais povos que seguem o culto grego; todos os estados do norte da Europa onde impera o protestantismo; os judeus, mahometanos, etc.

Seria retrogradar aos tempos de Carlos V e de Luiz XIV, ou ás suas guerras interminaveis por causa d'essa igreja *una* e universal. E, com effeito, é para esse retrocesso que trabalha a igreja militante. Esta ultima utopia é consequencia d'aquella primeira.

E tambem sómente com a Inquisição e suas leis auxiliares, com o antigo regimen absoluto e com as matanças systematicas realisadas durante elle, poderá o partido reaccionario reprimir momentaneamente o livre pensamento, caracteristico dos tempos actuaes, filhos da Revolução franceza.

Não ha outro meio de subjugar a razão liberta por este movimento do seculo XVIII, e do qual brotaram as sciencias contemporaneas, que tanto estão incommodando esses que intentam fazer retrogradar a Europa para o passado da politica catholica.

E' com as fogueiras do *Santo Officio*, com os Indices expurgatorios, com a Censura, com os juizes da *Inconfidencia*, com os Pinas Maniques da Intendencia Geral da Policia, com frades e conventos, etc., etc., que Portugal deseja regenerar-se? Acceita a guerra ás sciencias, de que depende o progresso das industrias, do commercio, da agricultura, da navegação, etc.?

Se não quer nada d'isso, ponha-se em guarda contra os manejos da reacção, que n'estes ultimos tempos tem deixado avançar muitissimo, com injustificavel indifferença.

Medite-se nos graves transtornos de ordem social, que uma séria tentativa da reacção religiosa póde occasionar.

CAPITULO XII

O Estado e a igreja

Cumpre-nos agora elucidar nossos leitores ácerca das relações que actualmente devem existir entre o Estado e a igreja catholica.

Já vimos que esta, á medida que ia obtendo favores do Estado, se aproveitava d'elles para emancipar-se, e supplantar e dominar o mesmo Estado. A politica catholica deu em ultimo resultado a supremacia do poder espiritual sobre o temporal.

As doutrinas de Gregorio VII, Innocencio III e Bonifacio VIII eram consequencias legitimas d'essa politica que identificou o Estado com a igreja, *una* e universal.

Desde então até á Revolução franceza, não se admittiu nos estados catholicos outra religião que não fosse a catholica. Deu isto origem ao regimen absoluto com a Inquisição, ou seus carceres, torturas e fogueiras; com a Censura e Indices expurgatorios dos livros contrarios á igreja; com as cruzadas expurgatorias das heresias, etc., etc.

A Revolução franceza abriu novos horisontes na politica dos estados. Foi proclamada a liberdade de pensamento e de consciencia, ou de cultos.

Em virtude d'isso deviam ser tolerados todos os cultos em as nações que adoptaram os principios d'aquella Revolução, ou o regimen liberal.

Deixou de ter razão de ser, ante os tempos modernos, a intolerante, velha e gasta politica catholica, sobre que assentou o regimen absoluto.

Sendo permittido a cada cidadão o seguir a crença dictada por sua consciencia, todas as igrejas ficaram com iguaes direitos perante a lei. N'estas circumstancias, o Estado devia manter-se indifferente ante as questões religiosas, deixando a cada igreja o livre exercicio do seu culto.

A separação da igreja e do Estado é a primeira consequencia da Revolução franceza e do regimen liberal, ou do espirito moderno.

A religião do Estado é propria dos velhos tempos de Constantino, de Carlos Magno, do *Santo Officio*, e do regimen absoluto, contra o qual se sublevaram os povos de toda a Europa, depois da revolução de 1789.

Passaram os tempos em que o Estado se interessava ardentemente pelas questões theologicas, e armava exercitos por causa d'uma missa. Sua missão é hoje outra.

Indifferente ás crenças religiosas de cada cidadão, cumpre-lhe actualmente velar, acima de tudo, pelo avanço das sciencias, das letras, das bellas-artes, e, com isto, pelo desenvolvimento do commercio, das industrias, da agricultura, das artes e officios.

Ao Estado actual, representante de todas as classes de trabalho, incumbe promover as riquezes, prosperidade e bem-estar dos povos. E' esta a sua unica missão. Cuida dos bens terrestres, como a igreja cuida

dos bens espirituaes dos fieis. E' ridiculo vêr um estado politico preoccupado com a vida do outro mundo, sobretudo quando lhe falta tempo para pensar nos graves problemas sociaes que estão a seu cargo.

Já não voltam, felizmente, os tempos em que se desprezavam as sciencias e os problemas economicos pelas questões religiosas, consideradas as mais altas e importantes.

Hoje ninguem crê que, só com missas, procissões, sermões e festas de igreja, se consegue o progresso das sciencias, das letras, das bellas-artes, do commercio, das industrias, etc., etc.

Póde ser muito o obter o homem as graças divinas, mas, se não trabalha, para obter por si os meios de subsistencia, morrerá de fome só com essas graças.

Já se não fazem milagres, que foram privilegios das gerações passadas, ou dos tempos de obscurántismo.

Os milagres fugiram ante a sciencia e o progresso, com que, pelo visto, não sympathisam. Mas, como a humanidade progrediu pela ordem fatal do mundo, já não póde contar com os santos milagres da Idade-Média. Tem que buscar por si mesma os meios da sua conservação, do seu bem-estar e desenvolvimento.

Rezem, embora, os padres, para que o seu Deus abençôe a terra; mas não deixe o Estado de pensar nas leis e medidas que trazem ás nações as suas riquezas intellectuaes, moraes e materiaes. Cada um no seu logar e na sua missão propria.

Urge que o Estado se emancipe por completo da tutela que, ainda hoje, a igreja catholica pretende exercer sobre elle, para o embaraçar na sua missão ante as conquistas do seculo. Essa tutela é impro-

pria dos tempos actuaes. Em virtude d'ella, a mesma igreja arrancou ao Estado, e em pleno regimen liberal, privilegios e immunidades contra as mais igrejas, e até contra os proprios liberaes! Retrocedeu-se aos antigos tempos de absolutismo e de intolerancia.

Esses privilegios estão embaraçando a acção das escólas e Universidades em pró da instrucção e do avanço das sciencias, de que depende o desenvolvimento das industrias, do commercio, etc. Estão vexando, opprimindo e irritando os livres pensadores, e todos que não se conformam com a igreja; e estão, finalmente, animando os reaccionarios a conspirarem contra as actuaes instituições, e a levantarem serios attrictos ao progresso dos povos.

Em face do regimen liberal e dos tempos modernos, essas immunidades são um perfeito anachronismo e contrasenso.

Urge secularisar tudo: a familia, a escóla, os hospitaes, as casas de caridade, os cemiterios, e até o proprio Estado e o exercito, ainda hoje ligados á religião!..

Nem a igreja catholica, nem outra qualquer igreja, teem hoje direito de exigir ao Estado privilegios e immunidades. Sendo todas iguaes perante a lei, devem todas entrar no direito commum. Nada de dois poderes — o espiritual e o temporal —, que esta distincção pertence ao passado, que já lá vae.

Nas sociedades regidas pelo moderno direito politico não ha mais do que um só poder: a soberania nacional.

Não é absurdo e contradictorio admittir um só poder espiritual nos estados do presente seculo, em que são tolerados tanto catholicos como protestantes, judeus e livres pensadores?

Esse principio retrogrado leva-nos aos tempos

do absolutismo e das fogueiras do chamado *Santo Officio.*

Dê-se aos protestantes, judeus e livres pensadores os mesmos direitos que aos catholicos, e a mesma liberdade de acção, que não haverá então perigo de se ter com estes ultimos toda a tolerancia. Para combater a activa propaganda d'elles contra o livre pensamento e consciencia, estarão em campo todos aquelles contra quem movem guerra persistente.

A's associações catholicas, acastelladas nas odiosas immunidades da sua igreja, responderão livremente as sociedades laicas dos livres pensadores, dos homens de sciencia e do futuro, ainda embaraçados e enleados n'essas immunidades, ineptamente concedidas á igreja catholica e seus infinitos institutos.

CAPITULO XIII

As Concordatas

Como dissemos no capitulo precedente, a Revolução franceza, d'onde sahiu o regimen liberal, rompeu inteiramente com o passado do catholicismo, que constitue essencialmente o regimen absoluto. Esta é a ultima palavra da politica catholica.

Por isso os papas anathematisaram, e não cessarão jámais de anathematisar a Revolução franceza e o consequente regimen liberal.

As mais importantes obras do seculo XVIII e dos auctores d'aquella Revolução estão no Index.

E tudo isso porque a igreja militante quer que os povos sejam regidos pelo systema politico absoluto, se não despotico mesmo.

Não ha, na verdade, outra maneira efficaz de manter a igreja *una* e universal.

Sem esse systema politico, sem a Inquisição, ou seus carceres e fogueiras, sem a Censura e os Indices expurgatorios, e outras medidas do regimen po-

litico anterior á Revolução, não é possivel conter, dentro de uma só fé e crença, dentro de um pensamento só, milhões e milhões de consciencias e de intelligencias.

Eis a razão por que de Roma partiu o grito de guerra contra a Revolução franceza, que, á face da Europa, proclamou o livre pensamento.

Em virtude d'ella, estabeleceu-se um novo direito civil e um novo direito politico, contrarios aos que consolidaram o regimen absoluto, e a união intima do Estado com a igreja.

O edificio, architectado segundo o plano da igreja *una* e universal, veio a terra.

Já a Reforma lhe havia dado o primeiro golpe demolidor.

Hoje não ha forças capazes de levantar das ruinas esse edificio desmoronado.

A humanidade avançou muitissimo desde então até hoje, em que está mui distanciada d'esses tempos, que passaram á Historia.

Segundo o moderno direito politico vigente, o Estado não tem que se intrometter nas crenças religiosas dos subditos.

Todas as nações acceitaram a liberdade de cultos, ainda que as mais catholicas favoreceram esta religião com certos privilegios e liberdades, que não lhes deviam ser concedidas. Mas, emfim, toleraram os demais cultos.

Deixou logicamente de existir a antiga união intima do Estado com a igreja, da qual resultou fatalmente o regimen absoluto.

Os modernos estados politicos não reconhecem, como já dissemos, nenhum poder acima da soberania nacional. E' por esta sómente que se regem, e sómente d'ella dimanam todas as leis e poderes do Estado.

Havendo cidadãos protestantes, judeus e livres pensadores, juntamente com catholicos, não tem razão de ser, como dissemos n'outro logar, a velha distincção de poder espiritual e temporal, sobre que se firmou o antigo Estado do absolutismo.

E', na verdade, ridiculo e absurdo vêr um Estado politico dominado por um mystico poder espiritual.

Isto é proprio das theocracias, que os papas tentaram implantar na Idade-Média.

Actualmente, em que foi abandonada a louca politica de uma religião só e universal, não tem cabimento a sujeição do Estado, que representa cidadãos de varias crenças religiosas, ao poder espiritual da igreja catholica. A este poder estão sujeitos apenas os catholicos, e os que estão conformes com isso sómente.

Não sendo reconhecida hoje a intervenção do poder espiritual da igreja catholica na sociedade civil e politica, o Estado não tem que entrar em negociações com o chefe dos catholicos, para estabelecer as leis civis e politicas que lhe pareçam convenientes.

As relações dos catholicos com os papas é negocio com elles sós. Lá se avenham uns com os outros.

O Estado é que não é chamado para as questões entre elles, como nada tem com as que se levantam entre protestantes e mais crentes, e as suas igrejas.

E', portanto, contrario ao moderno direito publico o systema de Concordatas, que recorda o velho direito publico introduzido pelos papas na Europa.

Foi esse mais um expediente desgraçado e contradictorio, de que lançaram mão os inconsequentes constitucionaes, impenitentes burlistas dos principios liberaes.

Sendo os papas implacaveis inimigos não sómente dos principios e instituições liberaes, que jámais acceitarão, como tambem da seita constitucional, que tem descarregado tantos golpes sobre a igreja, como querem obter d'elles concessões a bem do novo estado de coisas?

Quando as Concordatas são firmadas pelos papas, é porque elles, em vez de ceder, o que nunca fazem, obtiveram para a igreja importantes beneficios com detrimento das liberdades e conquistas do seculo.

E assim tem acontecido.

Cada nova Concordata negociada em Roma é um novo golpe descarregado sobre as modernas instituições.

Os estadistas constitucionaes ignoram os habitos do Vaticano.

Os papas, que durante seculos tutelaram o Estado, ficaram sempre com o vicio de tratar com os enviados dos governos catholicos, como de superior para inferior. Jámais desistirão da ideia de que são os unicos e verdadeiros soberanos do mundo catholico.

E fundam-se para isso na tal distincção de poder espiritual e temporal.

Na verdade, aquelle deve estar acima d'este, como, segundo a escóla metaphysica, o espirito domina a materia.

Além d'isso, os negociadores do Vaticano teem a presumpção de que são mais habeis e astutos do que os dos gabinetes que vão tratar com elles.

E não lhes faltam motivos para se terem n'essa conta. As Concordatas assim o provam.

Imagine-se com que ar de mofa o Vaticano, que não muda de suas opiniões, e que por isso está e estará sempre disposto a não transigir com a *impia*

Revolução e as instituições modernas, recebe os que vão a Roma negociar Concordatas.

Os personagens da côrte pontificia não podem deixar de rir ante essa ingenuidade, ou inepcia dos estadistas constitucionaes. E mais ririam, quando os negociadores, indo buscar lã, sahiram tosquiados do Vaticano.

Todos levaram a seus governos Concordatas, que são uma perfeita burla para elles.

Com as negociações com Roma succede o mesmo que n'um duello, quando um adversario cede de terreno, e o outro cahe sobre elle, obrigando-o a recuar cada vez mais.

Os papas, com as Concordatas na mão, teem forçado os governos a recuar mais e mais no caminho das liberdades, e a ceder novo terreno ás invasões do poder espiritual no temporal. Baseando-se nas concessões feitas, e dando-lhes mais lata interpretação, teem conseguido fazer entrar pouco a pouco a reacção nos estados concordatados.

E' o que acaba de acontecer em França.

Aqui em Portugal o Vaticano tem, por mais de uma vez, contestado aos reis o direito de se intrometterem nos assumptos referentes ás igrejas do paiz. E com maxima arrogancia chegaram os papas a dispôr do padroado da India, sem darem a menor satisfação ao governo portuguez!

A imprensa ultramontana acaba de sustentar, não ha muitos dias, que, segundo a Concordata, só os catholicos orthodoxos, isto é, os reaccionarios, teem direitos em Portugal. Os liberaes catholicos que não vão á missa e não se confessam, e os livres pensadores, estão fóra da lei, não são cidadãos portuguezes!

Eis como interpretam o arranjo feito com Roma!

Urge que os governos sinceramente liberaes re-

nunciem de vez ao regimen concordatario, e separem o Estado da igreja, entrando definitivamente no moderno direito publico.

Só d'essa maneira se acabará para sempre com a questão religiosa, e se tirará toda a força ao partido reaccionario, mais uma vez empenhado em soprar o espirito de revolta, a guerra civil e a religiosa, em agitar os animos e em promover a desordem e a anarchia em todas as nações, para se levantar triumphante no meio d'ellas.

E' este o plano dos jesuitas.

CAPITULO XIV

Lição da Historia

A Historia não offerece lição mais proveitosa aos povos, do que a que passamos a expôr. Sempre que elles afrouxaram na defeza dos seus direitos, e esqueceram os principios em que estes se baseiam, foram escravisados. Os ambiciosos de mando e poder não cessam de os acompanhar a par e passo, tomando-lhes o pulso, e esperando o momento de debilidade para os algemarem. São os seus eternos inimigos.

O terceiro estado, que na Idade-Média havia proclamado o principio do Direito acima da espada do senhor feudal; que impôz a soberania popular e o regimen das antigas Côrtes, ou parlamentar aos reis, entrou n'um periodo de desfallecimento na defeza dos seus direitos.

Com louca indifferença deixou crescer o dominio da igreja, do dogma e do consequente direito divino.

E elle proprio ajudou a fortalecer mais e mais o poder real!

Resultou d'ahi a reacção religiosa primeiro, e a politica depois, como consequencia fatal d'aquella.

A obra dos papas e dos concilios contra os schismaticos e protestantes preparou os animos para a dos reis, isto é, para a proclamação do absolutismo. O ensino catholico nas escólas jesuiticas e das congregações religiosas, e as doutrinas prégadas no pulpito, e ensinadas no confessionario, cooperaram efficazmente para a reacção politica.

E, quando o povo, ou o terceiro estado, assistia indifferente a tudo isso; e quando menos o pensava, viu perder, de um momento para outro, todas as suas liberdades e direitos conquistados. Cahiu sob o jugo esmagador dos reis, que se proclamaram senhores absolutos das vidas e fazendas de todos os vassallos, e sob o jugo da igreja, que o subordinou á alçada do tribunal chamado do *Santo Officio*.

Papas, reis, nobres e clero, todos se uniram para derribarem, uma a uma, as instituições implantadas pelo terceiro estado.

O povo pagou bem caro a sua imprevidencia e desleixo. Todos conhecem, mais ou menos, a carniceira e cruel historia do regimen absoluto, que sobreveio á reacção religiosa.

Depois de mais de um seculo de soffrimento, o povo, ou o terceiro estado, sublevou-se, e fez a revolução de 1789.

Contra este movimento de liberdade e de progresso, os papas, os reis, o clero e os nobres pensaram em fazer por toda a Europa activa propaganda em pró da religião contra a Revolução, ou da fé contra a razão.

A' frente d'este movimento collocaram-se os jesuitas, educadores das gerações passadas, crédulas,

beatas, supersticiosas, e inimigas do progresso. Ao lado d'elles puzeram-se poetas, romancistas, dramaturgos e homens de sciencia, todos filiados nas associações catholicas.

Tentou-se reaccender a amortecida fé, e com ella dominar a razão e a sciencia, que o seculo XVIII havia libertado.

Ao mesmo tempo, já as associações catholicas, já os coios jesuiticos, já o clero no pulpito das igrejas, e os frades no dos conventos, principiaram uma campanha systematica de descredito contra os auctores d'aquella Revolução, e contra os principios liberaes por ella proclamados. Exactamente o mesmo que esses agentes do passado estão hoje pondo em prática em toda a Europa contra as sciencias contemporaneas e os mesmos principios liberaes.

O certo é que, em presença d'essa propaganda religiosa, se operou na Europa um geral retrocesso.

Muitas almas candidas voltaram á antiga fé catholica, abandonando o crédo liberal.

Resultou d'ahi o regressarem os povos ao regimen absoluto, e cahirem no regimen constitucional de Napaleão I e de Luiz XVIII, o qual não passa de um absolutismo disfarçado.

A propaganda religiosa produziu a Santa Alliança, e esta os congressos de Troppau e Verona, que deram cabo das revoluções liberaes de Portugal, Hespanha e Italia.

A ella se devem as carnificinas da França em pleno reinado constitucional de Luiz XVIII, filho querido de Roma; e as de Portugal, Hespanha e Italia, depois que, em nome da Santa Alliança, os exercitos estrangeiros invadiram esses tres paizes, para os obrigarem a voltar ao antigo regimen absoluto.

Em nome da religião, em defeza da qual se puzeram em campo os jesuitas, o clero, os frades e os

filiados nas associações catholicas, principiaram as matanças de todos os sectarios da impia Revolução. Nos pulpitos das igrejas e dos conventos excitavam as massas de mendigos e criminosos a armarem-se, e assassinarem quantos *maçons* e pedreiros livres encontrassem nas ruas e nas estradas.

Organisaram contra elles verdadeiras monterias, afim de os descobrirem nos esconderijos em que se haviam mettido, para escaparem de seus barbaros perseguidores.

As levas dos presos cahiam nas ruas varadas pelas balas dos chamados defensores da santa religião.

Os mesmos defensores da religião contra a Revolução, lançaram fogo ás cadeias, onde gemiam os partidarios d'esta ultima, ou os infelizes liberaes!

Até á victoria do constitucionalismo, os auctores da propaganda religiosa, que originou a reacção politica, não cessaram de perpetrar em Portugal e Hespanha os crimes mais hediondos e repugnantes!

Por muitos annos, os dois paizes estiveram expostos aos saques, incendios e matanças, organisadas pelos sicarios que derribaram a Revolução em nome da fé!

Taes foram os novos fructos de os povos afrouxarem, mais uma vez, na defeza dos seus direitos e dos principios liberaes em que estes assentam. Os seus eternos inimigos cahiram sobre elles, como as aves de rapina sobre a preza, ao vêrem-n'a descuidada.

Leopoldo da Belgica aconselhou D. Maria II a que fizesse as pazes com Roma, e se alliasse com o clero, se queria derribar a Revolução de Setembro.

O governo cabralino encetou-se, com effeito, com a Concordata com Roma, afim de ganhar as graças

do partido ultramontano e clerical. Tambem quiz enfrear a Revolução com a religião!

D'esta vez, porém, foi a reacção politica que deu a mão á reacção religiosa.

O resultado d'esse pacto foram as brutalidades e scenas de sangue do governo cabralino, que em tudo desejou imitar o de D. Miguel, não para matar *maçons* e pedreiros livres, mas os defensores da democracia.

O povo portuguez deixou derribar a situação setembrista; pagou-o d'aquella fórma. Ainda outra vez mais cahiu em poder dos sicarios, ou caceteiros, que devastaram o paiz com saques, incendios e mortandades crueis.

Quando a Regeneração havia pervertido por completo os partidos politicos de Portugal, abandonando cada um aos seus principios, para cuidar só nos gosos do poder e das boas collocações, a reacção religiosa surgiu immediatamente.

Vendo que, tanto no Parlamento, como na imprensa, já se não tratavam as questões liberaes com o mesmo ardor que d'antes, julgou occasião opportuna de fazer mais uma das suas sortidas.

Não se enganou. Homens de todos os partidos — regeneradores e historicos, conservadores e progressistas — passaram para ella, que dispunha de altas influencias e protecções!..

Se não fosse a palavra eloquente de José Estevão, Portugal a estas horas estaria inundado de conventos, que outr'ora o sugaram e arruinaram, e de irmãs da caridade. Depois...

Muito ineptos teem sido os defensores da actual dynastia, que não cessam de apoiar os inimigos d'ella.

A reacção politico-religiosa não quer mais do que o regimen absoluto puro e simples, ou sem mescla

de constitucionalismo e de liberalismo. A' dynastia actual, que iniciou aquelle, não lhe convem. Detesta-a.

Trabalha para uma situação politica franca e bem definida, a qual consolide a união do throno com o altar. Para isto, lá está o filho do beato D. Miguel. E' este o seu rei legitimo. São logicos e coherentes. E tambem o são, quando pretendem tirar partido da actual situação da monarchia portugueza, para restaurarem o puro absolutismo, a que ella está dando razão de ser e força.

Os constitucionaes trabalham para os miguelistas, como Napoleão I trabalhou para os Bourbons.

FIM.

INDICE

Pag.

PREFACIO V

CAPITULO I

Intolerancia religiosa 1

CAPITULO II

Livre ensino reaccionario 9

CAPITULO III

Liberdade contra a liberdade 16

CAPITULO IV

Liberaes e reaccionarios 22

CAPITULO V

A Companhia de Jesus 28

Pag.

CAPITULO VI

Ensino jesuitico 34

CAPITULO VII

Caridade de seita 46

CAPITULO VIII

Politica catholica 56

CAPITULO IX

Associações catholicas 66

CAPITULO X

Identificação da sociedade com a igreja . . . 71

CAPITULO XI

A igreja catholica e o seculo 77

CAPITULO XII

O Estado e a igreja 85

CAPITULO XIII

As Concordatas 90

CAPITULO XIV

Lição da Historia 96

UNIVERSITY OF ILLINOIS-URBANA
3 0112 060149025

LIVRARIA LC

(LIVROS N[illegible])

48, Largo dos Loyos, 50 — PORTO

Breves noções de hygiene pratica. Apontamentos destinados á cadeira de hygiene nos Institutos Industriaes. 1 vol. br. 500

Codigo do Contencioso Fiscal, coordenado e annotado por Seraphim de Santa Clara Assumpção. 2 vol. br. . . 1$000

Grammatica theorico-pratica da lingua ingleza, por J. Teixeira de Sousa. 2.ª edição. 1 vol. cart. . . . . 1$100

Noções geraes sobre materias organicas, por Fernando de Chelmicki. 1 vol. br. 500

Primeiro livro de francez, offerecido á mocidade portugueza e brazileira, por C. L. d'Archambeau. 1 vol. cart. 500

Problemas de desenho linear rigoroso (1.ª parte), por José Miguel d'Abreu. 10.ª edição, melhorada 800

Rapsodia Camilliana, por Antonio Joaquim. Com um prefacio de José Pereira de Sampaio (Bruno). 1 vol. de XVI-200 pag. Br. 300

Enc. em percalina 400

Tiragem especial, em papel de linho e numerada: Br. 1$000

Livros com grande reducção

Diccionario das seis linguas, por Francisco d'Almeida. 1 grosso vol. enc. (preço em brochura, 5$000 réis) . . . 2$500

Historia de S. Domingos, por Fr. Luiz de Sousa. 6 vol. br. (preço primitivo, 7$200 réis) . . . . . 1$000

Hygiene philosophica do casamento ou guia da saude das pessoas casadas, pelo Dr. L. Seraine; traducção de um medico. 1 vol. br. (preço primitivo, 700 réis) 200

Insurreição de Janeiro, por Heliodoro Salgado. 1 vol. br. (preço primitivo, 500 réis) 150

Manual de receitas e conhecimentos uteis ás artes e industrias (O Polygrapho). Indispensavel ás boas donas de casa, aos perfumistas, licoristas, horticultores e a todos os artistas e industriaes. 1 vol. br. (preço primitivo, 600 rs.). 250

Completo sortido de livros escolares para instrucção primaria, secundaria e superior, e respectivo material escolar. — **Livros** de missa e artigos religiosos. — **Papelaria** e artigos d'escriptorio. — **Bilhetes** de visita, facturas, circulares e outros trabalhos typographicos. — **Encadernações** simples e de luxo.

COMPRA LIVROS USADOS OU BIBLIOTHECAS